



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE PINHEIRO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LAENA GOMES GARCIA

**O CONTEÚDO FUTEBOL/FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO FUNDAMENTAL NOS ANOS FINAIS: uma análise a partir da coeducação em
uma escola pública de Pinheiro/MA**

PINHEIRO/MA

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE PINHEIRO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LAENA GOMES GARCIA

**O CONTEÚDO FUTEBOL/FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO FUNDAMENTAL NOS ANOS FINAIS: uma análise a partir da coeducação em
uma escola pública de Pinheiro/MA**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Maranhão Campus Pinheiro para a obtenção de grau de licenciada em Educação Física.

PINHEIRO/MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Gomes Garcia, Laena.

O CONTEÚDO FUTEBOL/FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL NOS ANOS FINAIS: uma análise a partir da coeducação em uma escola pública de Pinheiro/MA

Laena Gomes Garcia. - 2025.

p.72

Orientador(a): Rarielle Rodrigues Lima.

Curso de Educação Física, Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro, Maranhão, 2025.

Ensino de futebol. 2. Coeducação. 3. Ensino fundamental. Rodrigues Lima, Rarielle. II. Título.

LAENA GOMES GARCIA

**O CONTEÚDO FUTEBOL/FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO FUNDAMENTAL NOS ANOS FINAIS: uma análise a partir da coeducação em
uma escola pública de Pinheiro/MA**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Maranhão Campus Pinheiro para a obtenção de grau de licenciada em Educação Física.

Trabalho aprovado em 23/07/2025

Banca examinadora

Profa. Dra. Rarielle Rodrigues Lima (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

Profa. Fernanda Bernadeth Monteiro Ferreira

Universidade Federal do Maranhão

Profa. Me. Sarah Cristina do Rego Santos

Universidade Federal do Maranhão

Dedico com muito amor esse trabalho aos meus pais, Glória Regina e Luís Carlos, aos meus irmãos Lucas e Luís Gustavo, por todo apoio e incentivo aos meus estudos. Às todas as meninas que já ouviram que “futebol não é coisa de menina”, mas nunca deixaram de amar e praticar esse esporte.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar forças, por permitir chegar aqui e nunca me abandonar nas horas difíceis.

À minha família por todo apoio e ajuda na realização de um sonho.

Aos meus pais, Glória Regina Gomes Garcia e Luís Carlos Pires Garcia não consigo mensurar aqui a minha gratidão, muito obrigada por serem apoio mesmo longe, sei que fizeram tudo o que podiam para que eu chegasse até aqui, para que NÓS chegássemos aqui.

Aos meus irmãos, Lucas Gomes Garcia e Luís Gustavo Gomes Garcia, obrigada por serem apoio e afeto, mesmo muitas vezes disfarçados de implicância.

À minha orientadora, a pessoa que acreditou mais em mim do que eu mesma, professora Rarielle Rodrigues Lima, seu apoio e auxílio foram essenciais para a elaboração deste trabalho.

À todos os meus professores que me ajudaram ao longo do curso, mas não poderia deixar aqui registrado as professoras que marcaram minha vida acadêmica e me trouxeram um novo olhar sobre a docência, professora Viviane Lins de Arruda e professora Elayne Silva de Oliveira. Obrigada por serem mulheres que inspiram!

Ao meu grupo de pesquisa LIEPP, que me permitiu conhecer pessoas maravilhosas e viver experiências enriquecedoras.

Ao meu trio Ladeira abaixo - Kiuzany Bianca Silva Froz e Lavígnia das Graças Marinho, obrigada por serem a força, companheirismo, risada e o apoio dentro e fora da universidade.

Aos meus amigos de *Peris*, Andreyana Viegas Gomes, Joselia das Silva do Nascimento, Andesson Andrade França, as caronas dos ônibus de vocês ao longo desses anos foram fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu amigo Yullian Fabrício Silveira Nogueira, obrigada por atender aos meus pedidos de socorro, tantos os das 14:00 horas, quanto os das 2:00 horas da madrugada.

À todas as pessoas que acreditaram e torceram por mim.

Por último, mas sem esquecer, à minha bisavó Francisca Gomes (in memoriam). Vó, não teve um dia sequer nesses 4 anos que eu não tenha lembrado da senhora. Obrigada por estar comigo durante essa jornada, a senhora foi a primeira pessoa a saber que eu havia entrado no curso de licenciatura em Educação Física na UFMA - Pinheiro, e com toda a certeza do mundo, é a primeira que eu queria que estivesse aqui comigo e contar que também estou saindo formada, professora, igual mamãe. Te amo para a eternidade!

“O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.”

(João Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas)

RESUMO

O futebol faz parte das nossas vidas desde que somos crianças, presente em todas as nossas vivências. No entanto, por essa prática ser constantemente associada ao mundo masculino, há discriminação quando praticadas por mulheres. Nesse contexto, a coeducação surge como uma proposta pedagógica que visa superar práticas segregadoras e promover uma Educação Física mais democrática. Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar como a coeducação no ensino do futebol/futsal vem sendo conduzida nas aulas de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental em uma escola pública do município de Pinheiro/Ma. A pesquisa foi organizada nas seguintes etapas: 1) Revisão de literatura; 2) Pesquisa de campo - observações das aulas de Educação Física nos anos finais do ensino fundamental, rotina dos/as estudantes e professores/as na escola, anotações em caderno de campo e aplicação dos questionários semiestruturados e 3) Análises dos dados coletados. Na etapa de pesquisa de campo, com a observação das aulas e aplicação de questionários, aconteceu entre os meses de agosto e novembro de 2024, em uma escola da rede pública municipal de ensino de Pinheiro/MA. Participaram da pesquisa 45 estudantes do 9º ano das turmas B e C. Os questionários abordaram questões sobre a identificação dos/as estudantes, a frequência e os tipos das práticas esportivas, a percepção da metodologia de ensino do futebol/futsal e as experiências quanto à participação de meninas nesse conteúdo. As análises dos dados revelam que o futebol/futsal é o conteúdo mais frequente nas aulas de Educação Física na escola investigada. Contudo, a pesquisa identificou desafios significativos relacionados à inclusão de todos/as os/as alunos/as. As respostas dos/as estudantes demonstram que, embora grande parte deles/as reconheçam a importância da igualdade de participação esportiva, o ensino do futebol/futsal nas aulas de Educação Física ainda é marcado por desigualdades de gênero, reforçando estereótipos e limitando a participação feminina, principalmente quando se centraliza o quesito habilidade. Portanto, cabe ao professor/a estar atento/a e consciente às suas práticas para evitar qualquer tipo de exclusão.

Palavras-chave: Ensino do Futebol. Coeducação. Ensino fundamental. Educação Física

ABSTRACT

Football has been present in our lives since childhood, embedded in all our experiences. However, because this practice is constantly associated with the masculine world, discrimination arises when it is performed by women. In this context, coeducation emerges as a pedagogical proposal aimed at overcoming segregating practices and promoting a more democratic physical education. Given this, the present study aims to analyze how coeducation in the teaching of football/futsal has been conducted in Physical Education classes during the final years of Elementary School in a public school in the municipality of Pinheiro/MA. The research was organized into the following stages: (1) Literature review; (2) Field research – including observations of Physical Education classes in the final years of elementary school, daily routines of students and teachers in the school, field notes, and the application of semi-structured questionnaires; and (3) Analysis of the collected data. The field research stage, including classroom observation and the application of questionnaires, was conducted between August and November 2024, in a municipal public school in Pinheiro/MA. Forty-five 9th-grade students from classes B and C participated in the research. The questionnaires addressed issues related to student identification, frequency and types of sports practices, perceptions of football/futsal teaching methodologies, and experiences regarding girls' participation in these activities. The data analysis reveals that football/futsal is the most frequent content in Physical Education classes at the investigated school. However, the study identified significant challenges concerning the inclusion of all students. The students' responses show that, although many of them recognize the importance of equal participation in sports, football/futsal teaching in Physical Education classes is still marked by gender inequalities, reinforcing stereotypes and limiting girls' participation—especially when the concept of skill is emphasized. Therefore, it is up to the teacher to remain attentive and critically aware of their practices to prevent any form of exclusion.

Keywords: Football Teaching. Coeducation. Elementary School. Physical Education.

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EF - Educação Física

LIEPP - Laboratório de Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Pedagógicas

TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Fluxograma de revisão sistemática.....	15
Quadro 1. Apresentação dos artigos analisados organizados por ano de publicação, autoria, título e objetivo.	19
Quadro 2. Distribuição do quantitativo de alunos por gênero e série.....	27
Gráfico 1. Distribuição do quantitativo de alunos por gênero.	28
Gráfico 2. Identificação de realização de prática esportiva	29
Gráfico 3. Distribuição por gênero de realização de prática esportiva.	30
Gráfico 4. Tipo de esporte praticado pelos/as estudantes	31
Quadro 3. Distribuição categórica sobre a opinião sobre o futebol/futsal.....	31
Gráfico 5. Distribuição da prática de futebol entre meninos e meninas	34
Quadro 4. Categorização acerca da opinião sobre o futebol feminino	36
Gráfico 6. Percepção sobre se as meninas e meninos têm as mesmas oportunidades e incentivos para jogar futebol.....	38
Quadro 5. Justificativas das percepções sobre oportunidades e incentivos iguais para meninas e meninos	38
Gráfico 7. Percepção da cooperação igualitária na aula de forma geral e por gênero	41
Gráfico 8. Percepção de alguma diferença nas habilidades e no comportamento entre meninos e meninas no futebol	42
Quadro 6. Justificativa apresentada pelos/as estudantes acerca das diferenças de habilidade e comportamento entre meninos e meninas.....	42
Gráfico 9. Identificação de experienciação sem situações de preconceito ou desigualdade durante a prática de futebol na escola	44
Quadro 7. Respostas de como lidaram com situações de preconceito ou desigualdade.....	45
Quadro 8. Percepções dos/as estudantes em relação às aulas mistas no ensino do futebol	46
Gráfico 10. Percepção sobre a utilização com regularidade do tema futebol/futsal nas aulas de educação física	49
Gráfico 11. Atividades desenvolvidas em sala de aula.....	50
Quadro 9. Sugestões de melhoria das aulas para aumento da participação e engajamento....	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 METODOLOGIA.....	14
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
3.1 Revisão Sistemática: Ensino de futebol/futsal e coeducação na educação física escolar..	19
3.1.1 Aproximações do ensino do futebol e as relações de gênero na educação física escolar	21
3.1.2 A coeducação e o ensino do futebol na escola.....	23
3.2 Me reconhecendo pesquisadora: aproximações do campo e contato com os estudantes. .	26
3.2 As análises dos questionários e os entendimentos do gênero nos espaços do futebol/futsal na escola.....	28
3.2. 1 A identificação da prática esportiva e o reconhecimento dos/as alunos/as	29
3.2.2 Habilidade feminina.....	35
3.2.3 Metodologia de ensino	48
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
Anexo A: Parecer consubstanciado de aprovação do Comitê de Ética	58
Apêndice A: Questionário aplicado aos estudantes	66
Apêndice B: Termo De Consentimento Livre e Esclarecido.....	68
Apêndice C: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	70

1 INTRODUÇÃO

No processo de escrita deste trabalho de conclusão de curso me reencontro com o sentimento de alegria e entusiasmo ao me debruçar sobre a temática do futebol, que é algo muito presente em minha vida desde criança, lembro de sempre jogar com meus irmãos e amigos em frente de casa, porém fora desse contexto, não me sentia estimulada ou confortável para a prática do esporte. Ouvia sempre que as meninas não sabiam nada de futebol e as que sabiam, jogavam como um menino, com isso, sentia vontade de jogar, muitas vezes surgia um convite de alguém para isso, porém, não me sentia confortável, porque acreditava que eu era ruim ou não sabia jogar só de ouvir as pessoas falarem, ou seja, intensificava o questionamento das minhas habilidades.

Ao longo de todo o período da educação básica, o futebol sempre foi o principal conteúdo presente nas aulas de Educação Física, entretanto quase nunca as meninas participavam, inclusive eu. Adentrando no ensino superior, no curso de Licenciatura em Educação Física, percebi que ainda havia essa inquietação acerca do futebol, de como ele é abordado e ensinado nas aulas, principalmente no que se refere à inserção das meninas nas práticas desse esporte.

Esse cenário tornou-se ainda mais evidente durante o período de observação do Estágio Supervisionado II, em uma turma do 5º ano do ensino fundamental, onde observei que as aulas de Educação Física eram exclusivamente dedicadas ao futebol/futsal, no qual os meninos já vinham de casa “preparados” para jogar, enquanto as meninas iriam jogar queimada, pular corda ou até mesmo ficar alheias a aula, como sujeitas meramente espectadoras.

No processo de ensino da Educação Física em especial das aulas práticas, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que:

Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (Brasil, 2018, p. 211).

Embora a BNCC promova a educação diversa, na prática, muitos/as professores/as

ainda encontram dificuldades para adaptar o futebol/futsal a um contexto participativo feminino, concentrando-se na reprodução e reforço de que futebol é coisa de menino.

Durante meu aprofundamento nas leituras sobre a temática futebol nas aulas de Educação Física para a escrita deste trabalho, me deparei com o termo coeducação, refleti e me questionei, “será que as aulas de Educação Física que já presenciei em toda minha vida, tanto como estudante da educação básica, quanto nas escola/campo como estagiária quando o conteúdo era futebol/futsal tinha um viés coeducativo? Será que todos sempre foram preconceituosos? A inquietação ficou mais intensa, mobilizando o interesse para entender sobre a coeducação no ensino do futebol nas aulas de Educação Física no município de Pinheiro/MA.

Por coeducação Saraiva e Fiamoncini (2009, p.97) citado por Borges (2018), é a prática conjunta de meninas e meninos, que propicia as mesmas vivências de movimento para ambos na aula de Educação Física, onde é fundamentada na compreensão de que os movimentos não têm sexo, e de que a discriminação tradicional de movimentos para homens e mulheres é construída no processo de socialização das pessoas, sendo, portanto, atrelada a visões/valores culturais.

No ambiente escolar, nas aulas de Educação Física, é muito comum que os alunos utilizem apenas o termo futebol para se referir às práticas realizadas em quadra, que correspondem às ações de futsal, o que demonstra uma ausência de diferenciação entre os dois conteúdos, muitas vezes mobilizadas pela indiferença das práticas, as quais se consolidam em seu espaço de execução. Nesta pesquisa utilizo o par futebol/futsal como equivalentes com base nas expressões destacadas pelos/as alunos/as.

Desse modo, alinhado às essas considerações, a pergunta que norteia minha pesquisa é: de que maneira as metodologias de ensino do futebol/futsal que são utilizadas nas aulas de Educação Física refletem práticas pedagógicas coeducativas? Quais são as barreiras e os discursos que influenciam esses processos? Há alguma tentativa de estabelecimento de ações coeducativas nas aulas práticas?

Para responder esta questão, analiso os processos de coeducação no ensino do futebol/futsal nas aulas de Educação Física dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública do município de Pinheiro/MA. Tendo como objetivos específicos: investigar as metodologias de ensino do futebol nas aulas de Educação Física; interpretar discursos sobre o ensino do futebol nas aulas de Educação Física; Identificar as possíveis barreiras presentes para o ensino do futebol nas aulas de Educação Física.

Para tornar mais compreensível as etapas desse trabalho, ele foi organizado da seguinte

forma:

O capítulo um apresenta as escolhas metodológicas da pesquisa, como ela foi desenvolvida e sua organização, o capítulo dois compõe os resultados encontrados na pesquisa dividido em duas subseções ampliadas, a primeira se concentra nas informações oriundas da revisão de literatura construída para a aproximação com o tema e a segunda, analisa os dados construídos na pesquisa de campo, a partir de anotações no caderno de campo, observações das aulas e aplicações do questionário, sintetizando os principais resultados da pesquisa. O capítulo quatro, corresponde às considerações finais, no qual apresento os principais apontamentos e compreensões sobre a realização da pesquisa, inclusive suas limitações.

2 METODOLOGIA

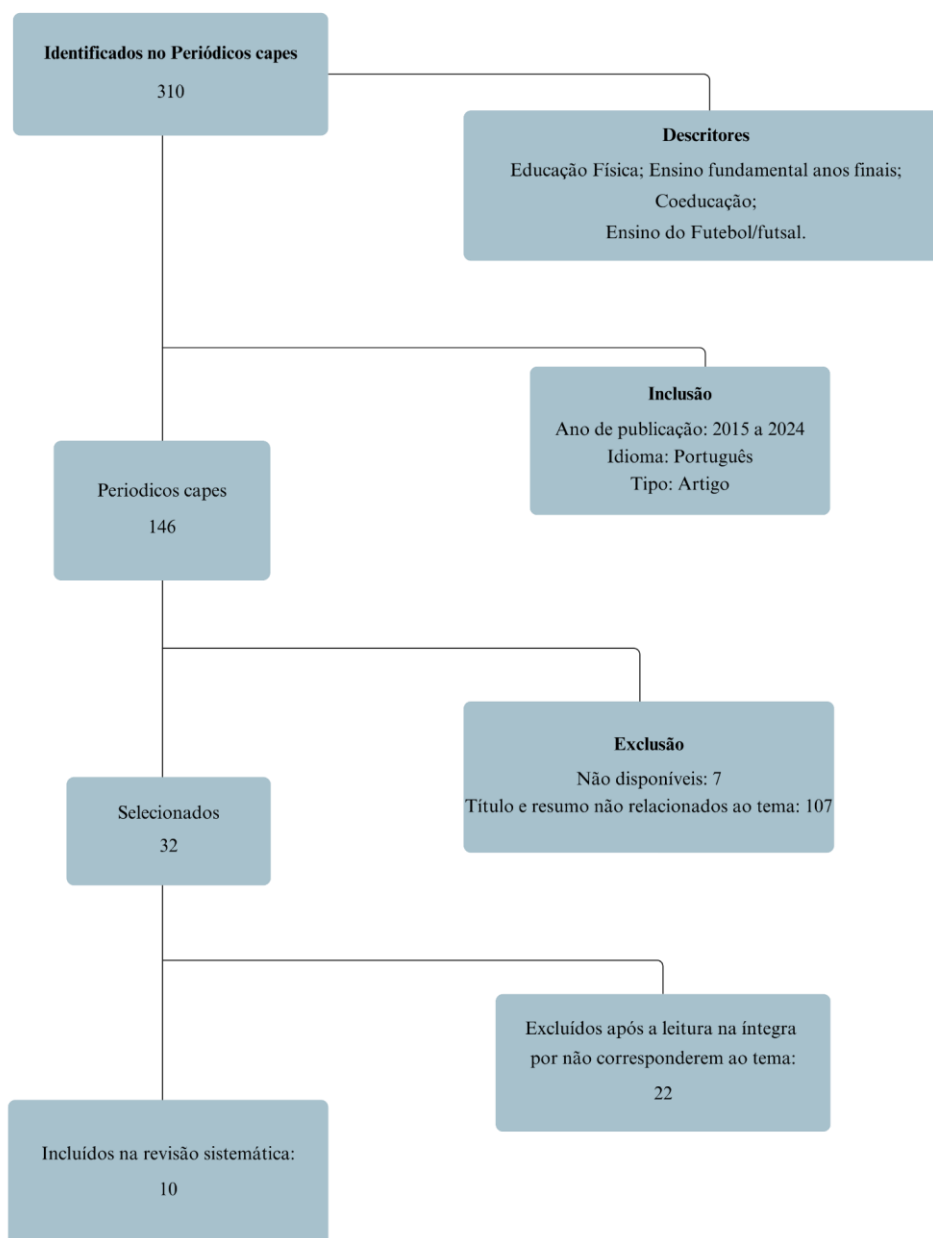
Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva exploratória. De acordo com Goldenberg (1997) a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa. Apresenta-se também descritiva, pois exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar, pois pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (Triviños, 1987) e exploratória, por proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (Gil, 2007).

Este estudo foi realizado entre os meses de agosto e novembro de 2024, apresentando-se como aprofundamento da pesquisa guarda-chuva PRODUÇÕES DE GÊNERO: os espaços da escola como campo de disputa para uma educação de combate às desigualdades e respeito às diversidades, coordenada pelo Laboratório de Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Pedagógicas (LIEPP), em execução entre 2023 e 2025, sob o parecer do comitê de ética 5.836.564 (anexo A).

A pesquisa foi organizada nas seguintes etapas: 1) Revisão de literatura; 2) Pesquisa de campo - observações das aulas de Educação Física nos anos finais do ensino fundamental, rotina dos/as estudantes e professores/as na escola, anotações em caderno de campo e aplicação dos questionários semiestruturados e 3) Análises dos dados coletados.

O processo da pesquisa foi iniciado através de uma sistematização da literatura, entre os meses de agosto e dezembro de 2024, busquei produções acadêmicas levando em consideração os descritores “Educação Física”, “ensino do futebol/futsal”, “coeducação” e “anos finais do ensino fundamental”. A busca foi realizada no periódico CAPES, abrangendo as publicações publicadas entre 2015 e 2024. O critério de escolha dos artigos seguiu as etapas descritas na figura 1.

Figura 1. Fluxograma de revisão de literatura



Fonte: Autora, 2024

O campo de estudo desta pesquisa foi uma escola da rede municipal de Pinheiro/MA. A escolha da instituição foi motivada pela realização do Estágio Supervisionado III - anos finais do ensino fundamental, este estágio permitiu aproximação com a realidade da escola, com a dinâmica das aulas e com a gestão e o professor, facilitando a observação e coleta de dados.

Meu primeiro contato com a escola-campo se deu durante o estágio curricular obrigatório nos anos iniciais do ensino fundamental, realizado anteriormente. Pois, a estrutura física do prédio escolar atende duas instituições, uma dos anos iniciais e outra dos anos finais do ensino fundamental. Dessa forma, eu já possuía certo contato e familiaridade com o ambiente escolar no nível de ensino que pretendia fazer minha pesquisa.

No contexto do Estágio, dia 26/08/2024 conversei com o gestor e com o professor de Educação Física responsável pelas turmas, depois realizei o reconhecimento das turmas e dos/as estudantes. Esse processo foi importante para estabelecer um vínculo com a comunidade escolar e possibilitou que, ao decidir realizar minha pesquisa de campo naquele espaço, houvesse abertura para isso.

Dessa forma, assim que comuniquei minha intenção de pesquisa ao gestor da escola, ele se mostrou receptivo e disposto a me dar apoio se eu precisasse de algo. O professor de Educação Física também se mostrou solícito e disponível, caso precisasse de ajuda durante o andamento da pesquisa. As conversas com os professores, me deixaram mais tranquila em relação a construir minha pesquisa, já que não teria tantas dificuldades de acesso e contato.

A escola atende 300 alunos nos anos finais do ensino fundamental, distribuídos em turmas do 6º ao 9º ano de forma integral, com duas turmas do 6º ano, duas do 7º ano, três do 8º ano e três do 9º ano. As aulas de Educação Física do 9º ano das turmas B e C são realizadas em apenas um horário e por um único professor. Essa dinâmica das aulas observada durante o estágio evidenciou desafios relacionados ao ensino futebol/futsal especialmente ao que se refere a inclusão de todos/as os/as alunos/as durante a prática.

A coleta de dados foi realizada em dois contextos, por meio de observações das aulas de Educação Física das respectivas turmas e de aplicação de questionários semiestruturados que abordaram: (a) a identificação dos/as alunos/as; (b) prática esportiva; (c) metodologia de ensino do futebol/futsal e (d) habilidades femininas.

Os participantes da pesquisa foram estudantes das turmas do 9º ano B e 9º ano C, totalizando 45 estudantes, sendo 24 meninas e 21 meninos. O critério de inclusão definido para a pesquisa foi a participação de estudantes do 9º ano, uma vez que, por meio do estágio, já possuía um contato com esses/as estudantes, conhecendo suas dinâmicas e suas relações nos espaços da sala de aula.

As observações foram registradas em um diário de campo, entre 29/08 e 22/11/2024, detalhando a dinâmica das aulas, a interação entre os/as alunos/as e o professor/a, além das relações interpessoais do espaço fora da sala de aula. Para Triviños (1987), os pesquisadores usam com diferente nível de abrangência a noção de "anotações de campo". Pode ser entendida

como todo o processo de coleta e análise de informações, isto é, ela compreenderia descrições de fenômenos sociais e físicos, explicações levantadas sobre as mesmas e a compreensão da totalidade da situação em estudo. Este sentido tão amplo faz das anotações de campo uma expressão quase sinônima de todo o desenvolvimento da pesquisa. Assim, as escritas em meu caderno de campo possibilitaram insights que intensificaram a minha observação na escola sobre meu interesse: gênero e esporte.

A aplicação dos questionários (Apêndice A) ocorreu no dia 10/10/2024, nas turmas do 9º ano B e 9º ano C. Essas duas turmas tinham a aula de Educação Física no mesmo horário, então contei com a colaboração do professor responsável pela disciplina, enquanto ele permanecia com uma turma, eu conduzia a atividade com a outra. Dessa forma, consegui realizar a aplicação com todos/as os/as alunos/as presentes naquele dia.

Para garantir o cumprimento dos critérios de conduta ética estabelecidos, todos/as alunos/as foram informados sobre o objetivo da pesquisa e a importância da sua participação, além disso, foi solicitado aos alunos/as que assinassem o Termo de Assentimento (TALE) (Apêndice B) e aos/às responsáveis o preenchimento do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Apêndice C), sendo assim, todos/as os/as alunos/as assinaram os termos de assentimento, os dados coletados foram tratados de forma anônima garantindo a confidencialidade das informações dos/as participantes.

As análises dos dados foram realizadas a partir da interpretação qualitativa dos dados e se aproximando da análise de conteúdo de Florence Bardin (2016).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Revisão de Literatura: Ensino de futebol/futsal e coeducação na educação física escolar

A construção da pesquisa iniciou com o levantamento teórico-científico das produções sobre o ensino do futebol/futsal e coeducação nas aulas de educação física, como já mencionado, foram identificados 310 trabalhos na base de dados Periódicos Capes, com as produções disponíveis entre 2015 e 2024. Após a leitura dos títulos e da identificação da disponibilidade na íntegra dos artigos, permaneceram 32 trabalhos que posteriormente a leitura dos resumos, restaram 10 trabalhos que estão expressos no quadro 1.

Quadro 1. Apresentação dos artigos analisados organizados por ano de publicação, autoria, título e objetivo.

Autores	Ano	Título	Objetivo
Liane Aparecida Roveran Uchoga, Helena Altmann	2016	Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula	Entender como se dão as relações de gênero nos diferentes conteúdos da educação física escolar e como a diversificação desses interfere nas relações de gênero durante as aulas.
Iuri Leal Moura	2017	O futebol como ferramenta na coeducação	Descrever a utilização do conteúdo futebol, socialmente dito como esporte masculino, como auxílio para consolidar aulas coeducativas na Educação Física Escolar.
Juliana Fagundes Jaco; Helena Altmann	2017	Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física	Compreender os motivos da participação diferenciada de meninos e meninas em aulas de educação física, sobretudo os motivos que levam as meninas a terem menor envolvimento com as aulas.
João Fabrício	2018	A prática pedagógica do futebol nas	Analisar um caminho

Guimara Somariva, Tânia Mara Cruz		aulas de educação física sob uma perspectiva de gênero	didático-pedagógico que articulasse o trato do conteúdo futebol com uma postura coeducativa.
Roberto Zanelato Borges	2018	A co-educação no ensino do futebol nas aulas de educação física a partir da perspectiva dos alunos.	Analisar as relações coeducativas, principalmente as de gênero, no ensino do futebol, nas aulas de Educação Física, a partir da perspectiva dos próprios alunos.
Fabiano Pries Devide, Cristina Maria da Rocha, Izabela dos Santos Moreira	2020	Coeducação e educação física escolar: uma ferramenta para abordar as relações de gênero nas práticas corporais	Sistematizar e aplicar a abordagem coeducativa na Educação Física escolar no Ensino Fundamental.
Marcelo Victor da Rosa; Marizete de Oliveira Souza; Andrey Monteiro Borges	2020	Preconceito contra a mulher na educação física escolar no nono ano	Analisar as manifestações de preconceito/discriminação para com as alunas e professora durante as aulas de Educação Física.
Ana Santos, Leandro Teófilo de Brito	2023	Diálogos com as masculinidades por meio da perspectiva intercultural e da coeducação na educação física escolar	Problematizar os sentidos das masculinidades em discursos circulantes na Educação Física escolar.
Marina Gomes Schönardie, Pâmela Siqueira Joras, Martina Burch, André Luiz dos Santos Silva	2023	“Não torço pra nenhum time, não sei as regras e se me convidam pra jogar eu não jogo”: a relação das meninas menos habilidosas com o conteúdo futebol/futsal nas aulas de Educação Física	Investigar as experiências vividas por mulheres ao longo das aulas de futebol/futsal da escola, buscando compreender como se relacionavam com os futebolistas nas aulas de Educação Física.
Mariana Zuaneti Martins, Osmar Moreira de Souza Júnior, Riller Silva Reverdito	2023	Ensino, vivência e aprendizagem do futebol/futsal: emergência de uma prática pedagógica dialógica e consciente	Abordar o futebol/futsal em três cenários, com foco na prática pedagógica. Os cenários alcançam a formação profissional, o futebol/futsal de meninas e os futebolistas e diversidade.

Fonte: Autora, 2025

As leituras dos artigos foram categorizadas a partir do reconhecimento das temáticas centrais dos artigos, em dois blocos: um sobre o ensino do futebol na educação física escolar e o outro, na coeducação e o ensino do futebol na escola. Também foram incluídos outros textos identificados ao longo do processo de busca e leitura para o aprofundamento da temática em outras bases de dados e indicações recebidas de minha orientadora como leitura complementar, pois considerei importante para a construção narrativa dos meus entendimentos.

3 1.1 Aproximações do ensino do futebol e as relações de gênero na Educação Física escolar

A investigação sobre as relações de gênero e o ensino do futebol/futsal nas aulas de Educação Física é fundamentada por vários fatores sociais, culturais e educacionais. Historicamente, o futebol, apesar de ser muito presente na cultura brasileira, tem sido marcado por uma forte associação à masculinidade, marginalizando a participação feminina e perpetuando normas de gênero tradicionais (Schönardi, et al, 2023). Mesmo com o progresso significativo na aceitação e participação das mulheres no futebol, para Corrêa (2022), existem problemas que podem interferir na prática do esporte de modo a afastar as praticantes e contribuir à regressão dele no Brasil, como por exemplo, as questões de gênero e discriminações sociais frequentes no país.

O futebol, dentre tantas outras práticas corporais, está presente em nossas vidas desde que somos crianças, presente em todas as nossas vivências. É a modalidade esportiva mais popular no Brasil, envolvendo valores culturais, sociais ideológicos e políticos. Ele se manifesta como um fenômeno complexo e sociocultural, presente em diversos contextos. (Viana; Altman, 2015).

Dito isso, no futebol sempre existiu forte discriminação contra a participação feminina, fator decorrente da modalidade ser historicamente associada à masculinidade (Calheiros; Souza, 2013 *apud* Cruz et al., 2021), contudo, mesmo com essas dificuldades, as meninas frequentam esses campos não só para assistir, mas, também como praticantes, árbitras, membros de comissão técnicas, comentaristas esportivos (Sousa; Altmann, 1999 *apud* Schönardie et al., 2023), a afirmação das meninas e a aceitação dos meninos sobre a prática e o gosto por este esporte é algo recente na história da cultura esportiva brasileira (Somariva; Cruz, 2018), pois, para Moura (2005) citado por Somariva e Cruz (2018) a presença da mulher no futebol ganhou proporções mundiais nas últimas décadas com a consolidação de ligas, o aumento do interesse da mídia pelos torneios e pelo campeonato mundial, sinalizando um novo mercado esportivo.

Uchoga e Altmann (2016) comentam que o fato das meninas se colocarem em posições secundárias, coadjuvantes ou até mesmo se tirarem dos jogos pode ser explicada pelas expectativas corporais, demarcadas para meninos e meninas, assim:

o sucesso na obtenção de um ponto dentro do jogo, se destacar e exercer papéis decisivos nas jogadas, está mais atrelado ao gênero masculino do que ao feminino. Embora essa percepção nem sempre se confirme, pois muitas meninas também se destacam nas atividades e disputam relações de poder nas diversas práticas corporais, a crença de que eles, quando comparados a elas, são mais habilidosos já interfere de antemão nas maneiras de participar do jogo. Entretanto, mesmo que tais construções de gênero que colocam os meninos como mais habilidosos não sejam verdades absolutas - e acreditamos que não sejam - as meninas esquivam-se de certos jogos e esportes por não se sentirem capazes (Uchoga; Altmann, 2016, p. 167).

É importante destacar que, por mais que as mulheres brasileiras tenham praticado o futebol desde o início do século XX, é visível que essa participação foi menor do que a dos homens, principalmente, devido aos decretos oficiais que proibiam os clubes a investirem em políticas de inclusão das mulheres no esporte (Goellner, 2005). As mulheres vêm buscando constantemente espaço e igualdade de gênero dentro dos esportes, tidos como masculinos, como no futebol. Entretanto, segundo Goellner (2005), os preconceitos e as discriminações ainda cercam esta prática, como a associação de sua imagem à homossexualidade ou justificativa biológica de que o choque da bola traz perigos à sua saúde reprodutiva.

“A escola é um dos primeiros lugares que temos acesso, é por meio dela que o primeiro contato social com outras pessoas acontece” (Zamai-Francisco et al., 2022). As aulas de Educação Física, em particular, oferecem oportunidades únicas para promover a igualdade de gênero e desconstruir normas culturais fortemente enraizadas.

A literatura aponta que, muitas vezes, o ensino do futebol nas escolas se limita a aspectos técnicos, negligenciando abordagens que poderiam promover uma inclusão verdadeira. Segundo Souza Júnior e Darido (2010), embora o futebol seja o conteúdo mais presente nas aulas de Educação Física no Brasil, seu ensino costuma se restringir aos aspectos técnicos e ao jogo livre, sem explorar o seu potencial educativo de uma forma mais ampla.

Cabe, portanto, questionarmos quais seriam os aspectos referentes ao futebol que mereceriam receber um tratamento didático-pedagógico no sentido de contribuir para a proposta de formação de alunos críticos e autônomos na tarefa de ler e interpretar o mundo à sua volta (Souza Júnior, Darido, 2010, p. 924).

Nesse sentido, é fundamental que o professor de Educação Física assuma uma postura reflexiva e busque estratégias que vão além do ensinar a jogar. Para Martins, Souza Junior e Reverdito (2023), compete à prática pedagógica a responsabilidade e o compromisso de tornar

o jogo possível para todos/as de forma dialógica e consciente. Nesse contexto, Santos e Brito (2023) apontam, em sua pesquisa, que na atuação docente, a acomodação do professor contribui para a intensificação da perpetuação de valores sexistas nas aulas de Educação Física.

Para Rosa, Souza e Borges (2020) é indispensável que o trabalho docente seja consciente para que a aula de Educação Física tenha como foco “o aprendizado do/a aluno/a, sua interação com o meio, mediante diferentes práticas ligadas a cultura de movimento, sem que haja exclusão ou se permita atitudes preconceituosas no que se refere às relações sociais que perpassam por questões de gênero” (Rosa; Souza; Borges, 2020, p. 103).

3.1.2 A coeducação e o ensino do futebol na escola

Para falarmos sobre coeducação é preciso evidenciar as compreensões sobre o gênero e como a escola é um espaço que engendra esses corpos, intensificando ainda mais ao feminino as cobranças de comportamentos adequados, estabelecendo o que pode e o que não pode ser feito. Auad e Salvador (2015), comentam que é

relevante perceber como o conceito tradicional de gênero permeia a educação formal, que sempre reforçou definições binárias e reproduziu tais definições a partir de outras searas como a igreja, comunidade e família, cuja atuação, ao reforçar os papéis estabelecidos que homens e mulheres devem ocupar na sociedade, colabora com as discriminações pautadas nas diferenças, resultando em violência contra mulheres e meninas e também redundando em homofobia (Auad; Salvador, 2015, p. 39).

A percepção das diferenças para os autores é compatível com o fomento para a consolidação das desigualdades, identificando que a escola é uma instituição que molda identidades dos sujeitos, direcionando de forma ampla como o processo de ensino é permeado pelo que se reconhece sobre “ideal” de homem ou de mulher.

A coeducação pode ser entendida como uma proposta que busca promover a convivência e o aprendizado entre meninas e meninos. Devido, Rocha e Moreira (2020) afirmam que, no contexto da Educação Física escolar, a coeducação, se fundamenta na promoção de equidade entre os sexos, criando um ambiente que promova a reflexão sobre as questões de gênero e à desconstrução de estereótipos, visando o desenvolvimento integral do(a) discente.

Na terminologia pedagógica, coeducar se refere ao ato educativo no qual ambos os sexos aprendem na mesma escola, na mesma classe, nas mesmas horas e utilizando-se os mesmos métodos, as mesmas disciplinas e com os mesmos professores, todos sob uma direção comum. [...] meninos e meninas devem ser educados de forma a poderem desenvolver suas capacidades de maneira coerente com suas peculiaridades sexuais e opções individuais, sem a opressão exercida pela diversidade sexual, e

caberia à escola coeducativa a finalidade de melhorar as relações entre os sexos de modo a colocar condições propícias para um bom relacionamento na vida adulta (Almeida, 2005, p. 64).

Moura (2017) ao desenvolver pesquisas utilizando o futebol como ferramenta para uma coeducação, aponta que, de maneira geral que o esporte é pensado na escola como definição e estabelecimento de habilidades dos participantes, sendo esse entendimento utilizado para definir quem participa ou não das atividades propostas durante as aulas. O autor comenta que é preciso compreender o corpo de maneira holística e não limitado aos aspectos biológicos e as diferenças sociais, pois a mudança de perspectiva possibilita “a convivência harmoniosa entre meninas e meninos, sem que haja exclusão, mas sim, que haja respeito mútuo e participação ativa e inclusiva” (Moura, 2017, p. 101), e essas ações se refletem na escola metodológica das aulas.

Borges (2018) ao investigar a coeducação no ensino do futebol nas aulas de EF concluiu a partir da percepção dos alunos, que alunos e alunas julgaram ser importante a coeducação nas aulas. Para isto, é necessário que o professor de Educação Física não permita qualquer imposição da sociedade para a construção do conhecimento de qualquer unidade temática. Logo, cabe ao professor possibilitar a vivência do futebol para todos, sem distinguir meninos de meninas. Além disso, a coeducação na Educação Física é fundamental para desconstruir preconceitos e promover a igualdade de gênero desde a infância. Conforme destacado por Saraiva (2005), as aulas mistas são essenciais para garantir que meninos e meninas tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento motor, facilitando a quebra de preconceitos de gênero e promovendo a convivência saudável entre os sexos. A prática conjunta ajuda a desfazer a ideia de que certos esportes ou movimentos são exclusivos para um gênero.

Entretanto, diante da história, nota-se que o “desinvestimento pedagógico” por parte de alguns professores pode tornar essa modalidade uma ferramenta para manutenção das normas de gênero estabelecidas na sociedade. A falta de abordagens pedagógicas participativas, bem como a associação histórica do futebol ao universo masculino parece estar contribuindo para a exclusão das meninas, principalmente as menos habilidosas (Schönardie et al., 2023). Nesse sentido, sobre a coeducação, Costa e Silva (2002, p.48) consideram:

para esclarecer os caminhos da co-educação em educação física, convém assinalar que esta disciplina não aborda a igualdade entre os sexos, e sim a equidade, tendo como objetivo criar um clima tal que permita o desenvolvimento integral: afetivo, social, intelectual, motor, psicológico, sem o prejuízo em relação ao gênero, ou seja, uma escola para a formação do sexo feminino e do sexo masculino que valorize as

diferentes contribuições e habilidades independentes de sexo (Costa; Silva, 2002, p.48).

Devido a essa relação de forte dominação do homem sobre a mulher de modo geral ao longo da história, a escola é um espaço em que essa relação de dominação deve começar a deixar de existir, dando lugar a coeducação, principalmente nas aulas de Educação Física, esse é o espaço onde deve-se investir na igualdade nas práticas entre meninas e meninos. Isso significa que a aula de Educação Física em separado para meninos e meninas deveria ser evitada, porque somente em conjunto poderão ser buscadas a igualdade de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos entre os sexos (Saraiva, 2005, p.182).

Olhando de forma mais ampla, contemporaneamente, ainda é notória a falta de coeducação, que, tem como elemento de mobilização a melhor “maneira” de ensinar, sem qualquer fundamento que justifique a separação por gênero nos espaços da escola. Lima (2020) aponta que a separação de alunos/as, em dia de menino e dia de menina, é uma prática recorrente que corrobora com as construções estereotipadas sobre as habilidades de meninos e meninas, especialmente em relação ao futebol.

3.2 Me reconhecendo pesquisadora: aproximações do campo e contato com os estudantes.

O processo de coleta de dados desta pesquisa, como citado anteriormente, foi junto ao estágio supervisionado III - Anos Finais do Ensino Fundamental. No primeiro dia de observação, aconteceu dia 29/08/2024, neste dia, o professor de Educação Física responsável pelas turmas não estava presente na quadra durante a aula, então fiquei acompanhando apenas os/as alunos/as.

Quando chegamos na quadra, ela estava ocupada por outra turma, porque em um único prédio funcionam duas escolas e muitas vezes os horários das aulas de Educação Física são quase no mesmo horário. Com isso, alguns alunos se dispersaram pelos espaços ao redor da quadra, até que ela foi desocupada e os meninos entraram para jogar futsal, mas nem todos participavam da atividade, aqueles que eram considerados menos habilidosos ficavam de fora ou jogavam apenas alguns minutos.

Grande parte dos alunos ficaram dispersos durante a aula, principalmente as meninas, que não demonstraram ter tanto interesse ou encaminhamento para participar de alguma atividade. Algumas delas ficaram apenas assistindo os meninos jogarem futsal, outras

conversando, duas ou três meninas jogando bola entre si, num espaço que fica entre a grade da quadra e os banheiros, alguns alunos dão um jeito de ir embora, e outras organizaram uma pequena partida de voleibol num espaço ao lado da quadra, que é aberto e pequeno, mas que era o espaço que podem realizar a atividade.

Num segundo dia de observação, o professor já chegou na quadra dizendo para os/as alunos/as se separarem, meninos para um lado e meninas para outro, a proposta da atividade seria, os meninos jogarem futsal na quadra por 50 minutos e só depois as meninas iriam jogar vôlei na quadra por mais 50 minutos. No entanto, não aconteceu dessa forma, após fazer essa divisão, alguns dos meninos jogaram futsal, porém as meninas não tiveram a oportunidade de jogar, pois logo em seguida, novamente, os horários das aulas de Educação Física as duas escolas coincidiram, logo, foi dividido a quadra entre as duas escolas, os meninos pegaram a bola e foram jogar, enquanto as meninas ficaram novamente soltas pelos entornos da quadra, sem ter a chance de jogar.

Nos dias que eu estava me organizando para a aplicação dos questionários, conversei com o professor sobre a possibilidade das datas, ele me deixou à vontade quanto a isso, que eu poderia escolher a data e comunicá-lo. Fui orientada também por ele a conversar e mostrar ao gestor os questionários e os termos, para que ele ficasse ciente do que estaria acontecendo. Dessa forma, no dia 27/09/2024, fui à escola novamente conversar com o gestor sobre a pesquisa, mostrei a ele os questionários, o Termo de assentimento e Termo de Consentimento Livre Esclarecido, que os/as estudantes e seus responsáveis teriam que assinar e me devolver.

No dia 10/10/2024, iniciei a aplicação com as turmas do 9º ano B e C. Ao chegar na sala, expliquei previamente aos estudantes sobre a pesquisa, a importância da participação e as instruções para o preenchimento do questionário. Esclareci cada questão e permaneci disponível para qualquer dúvida que surgisse durante o tempo que eles estavam respondendo o questionário, que teve duração de aproximadamente 50 minutos, correspondendo a uma aula de Educação Física. Concluída essa etapa com uma turma, o professor responsável pela disciplina foi para a turma que eu estava, enquanto eu me dirigia à outra sala. Repeti com os estudantes do 9º ano C as mesmas orientações, explicações e organização que havia realizado com a turma anterior.

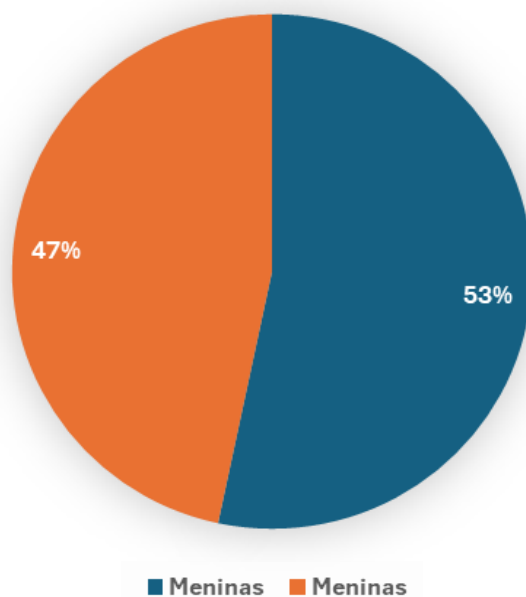
A escola atende ao ensino em tempo integral 300 estudantes, os/as alunos/as presentes na pesquisa eram os que estavam na escola no dia da aplicação dos questionários. A composição das turmas foi mista, contando com um número de 24 meninas e 21 meninos, com idade entre 14 e 16 anos, com média de 14,81 anos (ver quadro 1 e gráfico 1).

Quadro 2. Distribuição do quantitativo de alunos por gênero e série.

Série/ano	Quantitativo	Meninas	Meninos
9º ano B	23	12	11
9º ano C	22	12	10

Fonte: Autora, 2024

Gráfico 1. Distribuição do quantitativo de alunos por gênero.



Fonte: Autora, 2025

É importante ressaltar que tanto a turma B quanto a C, o quantitativo de meninas era superior ao de meninos, o que nos permite tensionar que embora as meninas estejam em maioria, as aulas ainda são pensadas para os meninos quando se trata de futebol/futsal o que corrobora com o imaginário social de que é um esporte/atividade de “meninos/macho”.

À medida que aprofundamos as análises essa compreensão fica mais evidente, desse modo, para a melhor compreensão as questões foram organizadas em categorias macro correspondendo a) identificação da prática esportiva, b) Habilidade feminina, c) Metodologia de ensino.

3.2 As análises dos questionários e os entendimentos do gênero nos espaços do futebol/futsal na escola

No processo de categorização das respostas e construção das análises, três grandes categorias foram construídas para abarcar as informações identificadas nos questionários. Assim, um conjunto de perguntas foram alocadas destas categorias e são expressas separadamente nas subseções a seguir.

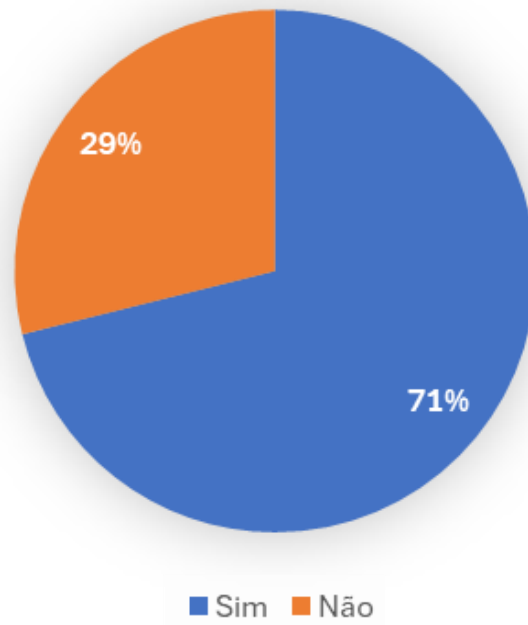
3.2.1 A identificação da prática esportiva e o reconhecimento dos/as alunos/as

Nesta categoria foram aglutinadas as questões: 1) Você pratica algum esporte? Se sim, qual esporte? E com que frequência; 2) Qual é a sua opinião sobre a prática do futebol? Por quê? e 3) Você costuma jogar futebol? Onde e com quem você costuma praticar?

Quando questionados sobre a prática de atividade física os/as estudantes afirmaram, em sua maioria (71%), que realizavam algum tipo de atividade/prática esportiva (ver gráfico 2). Dessa distribuição, 34% eram meninas e 66% de meninos (ver gráfico 3). As informações corroboram com o entendimento compartilhado no coletivo social em que os meninos são mais ativos fisicamente, principalmente por vivenciarem situações que não reivindicam cuidados com domésticos que reduzissem o tempo de lazer.

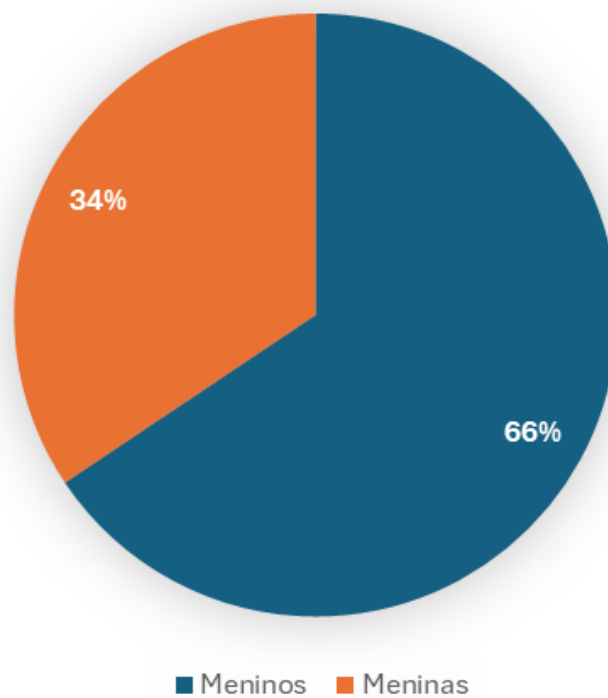
Podemos também pensar que o estímulo às práticas de atividade física entre crianças e adolescente tem se consolidado na percepção da construção de masculinidades, em vez de feminilidades esportivas. Altman et. al. (2018) comenta que há uma desigualdade de gênero na prática de atividade física, destacando que o tempo utilizado nas atividades apresentam diferenças significativas quando comparadas, o que vem proporcionando a eles uma construção de habilidades e experiências corporais mais intensas.

Gráfico 2. Identificação de realização de prática esportiva



Fonte: Autora, 2025

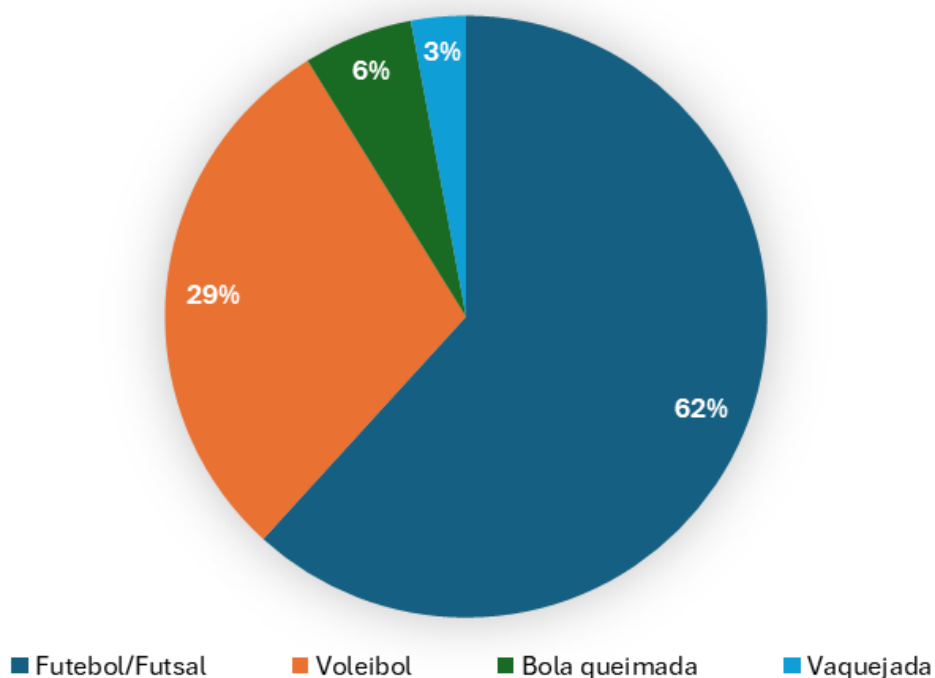
Gráfico 3. Distribuição por gênero de realização de prática esportiva.



Fonte: Autora, 2025

É importante destacar que ao especificarem as práticas esportivas, os/as alunos/as associaram ao esporte práticas corporais como a bola queimada. Demonstrando que o entendimento de esporte e/ou prática esportiva reconhecidos pelos participantes extrapolam as concepções compartilhadas sobre o que seria esporte e o que seria jogo. No gráfico 4, destacamos a tipificação das atividades desenvolvidas, sendo primeiramente o futebol/futsal, seguido do voleibol, tanto a vaquejada como bola queimada foram nomeadas discretamente em relação às modalidades esportivas e destacadas pelas garotas.

Gráfico 4. Tipo de esporte praticado pelos/as estudantes



Fonte: Autora, 2025

Em relação à questão que mobiliza a opinião sobre o futebol, a maioria se aproxima da percepção da prática para saúde, no entendimento de execução/visualização do esporte e da compreensão da habilidade. Embora, alguns não tenham compreendido a pergunta, apresentando respostas desconexas. No quadro 3, destaco as respostas nas suas respectivas categorizações.

Quadro 3. Distribuição categórica sobre a opinião sobre o futebol/futsal

<p>Percepção da prática para a saúde</p>	<p>Bem, eu tenho minha opinião sobre a prática do futebol, ótima pois alivia o estresse e te garante um ótimo condicionamento físico.</p> <p>Ótima, faz bem pra saúde, aumenta o condicionamento físico e a resistência do corpo.</p> <p>A prática do futebol traz muitos benefícios, como melhora no físico, menos cansaço, mais fôlego, mais força, velocidade entre outros.</p> <p>Condicionamento físico, pois a gente se desenvolve bastante.</p> <p>É importante, porque podemos desenvolver novas habilidades e ficamos mais ativos, que também ajuda muito a saúde, como melhorar a imunidade etc.</p> <p>É muito importante praticar o futebol para que o nosso corpo se desenvolva cada vez mais, não só futebol, mas outras práticas de todo tipo de atividade física.</p> <p>Melhora o condicionamento, muito bom o esporte. Ótima, porque é bom para exercitar os nossos ossos e melhorar nossa habilidade humana.</p> <p>Boa, porque é divertido, exercita a mente e o corpo.</p>
<p>Entendimento de execução/visualização do esporte</p>	<p>Muito bom, porque de pouco a pouco a gente vai tendo um físico de jogador.</p> <p>A minha opinião é que ele é muito bom, ele cura a alma. A gente pode até chegar com os machucados, mas a alma fica limpa.</p> <p>Um pouco bruto, porque além do esporte ser em equipe, existem pessoas que jogam futebol sem seguir as normas do jogo e acaba levando em conta a violência física e verbal.</p> <p>Acho legal, pois é um jogo que requer foco e determinação.</p> <p>Praticar futebol é muito bom, porque você exercita bem e daí pode se tornar profissional e ganhar muito dinheiro.</p>

	<p>Futebol eu não sou muito fã de futebol, tem briga e violência.</p> <p>Bom, o futebol é um esporte bem legal, porém nele acaba rolando algumas discussões, o que deixa o jogo em guerra.</p> <p>Na maioria das vezes desnecessário, pois algumas pessoas praticam de forma incorreta.</p> <p>Ótimo, pois além de melhorar o condicionamento, melhora a técnica.</p> <p>Não sei jogar, o jogo é bem legal.</p> <p>Uma perda de tempo, porque tem coisas melhores para fazer, do que ficar correndo atrás de uma bola.</p>
<p>Compreensão de habilidade</p>	<p>Na maioria das vezes desnecessário, pois algumas pessoas praticam de forma incorreta.</p> <p>O futebol é um esporte que eu não costumo jogar, então não sei muito. Mas praticar futebol é tipo um treinamento para o campo e as pernas.</p> <p>Em minha opinião, não penso em praticar o futebol e não tenho interesse.</p> <p>Eu acho meio desnecessário, porque isso não vai te dar nenhum conhecimento.</p>
<p>Não compreenderam a pergunta ou não responderam.</p>	<p>Praticar futebol.</p> <p>É muito bom.</p> <p>Muito boa porque assim é bom para jogar bola.</p> <p>Muito legal, porque aprende mais as mentalidades físicas do corpo.</p> <p>Futebol é muito importante pois é uma atividade.</p> <p>Na minha opinião é boa, porque temos vários espaços na escola que são bons para jogar.</p>

Fonte: Autora, 2025

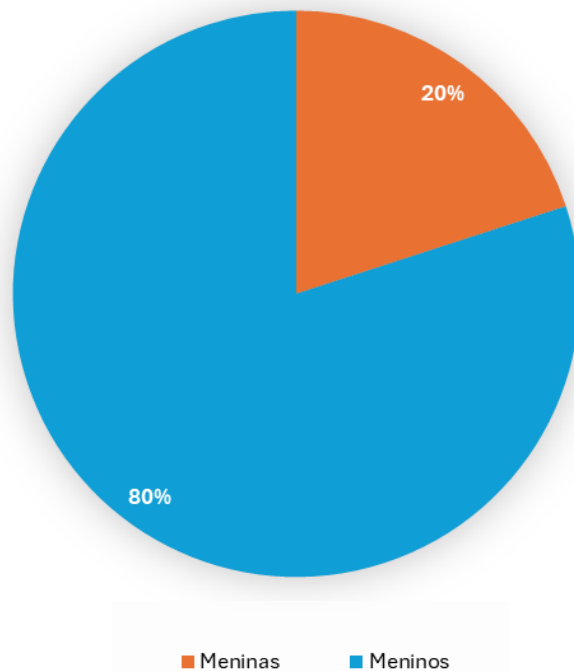
O reconhecimento do futebol/futsal como prática que envolve cuidados de saúde, se vincula ao aperfeiçoamento das capacidades físicas e do comportamento ativo para o desempenho físico ou combate ao estresse. Quando os/as alunos/as comentam sobre a execução e como veem o esporte, na questão sobre futebol, é possível perceber que compreensão de violência e força/agressividade marcam a prática, Freitas (2007) comenta que a construção da masculinidade em suas subjetividades são mediadas pela violência, seja física ou simbólica, o que difere da construção das feminilidades que são estabelecidas socialmente pela sensibilidade.

As percepções de habilidades que são acionadas pelas respostas corroboram com o entendimento de que a prática pela prática esvazia as possibilidades de debates sobre o exercício e como os atravessamentos de gênero direcionam as escolhas possíveis das práticas corporais, pois nessa categorização o não envolvimento ou desinteresse pode estar fundamentado sobre como a prática vem sendo difundida nos espaços sociais.

Em relação aos/as alunos/as que não entenderam a questão, é possível identificar que sua opinião sobre o que acha que é o futebol (bom ou mau) e não sobre efetivamente a prática em si. Podemos relacionar, também, a percepção dos espaços e que podem também serem vinculadas ao que se representa na aula de Educação física, especialmente na fala “Muito boa porque assim é bom para jogar bola” como preparação para fora da escola.

Quando questionados sobre a prática do futebol, 23 estudantes afirmaram praticar regularmente essa modalidade. Ao analisar a distribuição por gênero, foi observado que, entre 21 meninos, 20 praticam futebol/futsal, enquanto entre 24 meninas, 5 relataram participação nessas modalidades. Isso representa que dos/as estudantes que costumam jogar futebol, 80% são meninos e 20% são meninas (ver gráfico 5), corroborando com os estudos de Viana (2008, p. 643) que afirma que “o que se percebe é que, a educação que meninos e meninas obtiveram antes de inserirem na escola, reflete amplamente nas aulas de educação física com discriminações e preconceitos de gênero”.

Gráfico 5. Distribuição da prática de futebol entre meninos e meninas



Fonte: Autora, 2025

Vale destacar que duas respostas ficaram confusas e apresentaram certa divergência entre a questão 1 e a questão 3. Quando é questionado se os/as estudantes praticam algum esporte, a resposta é não. No entanto, ao justificar sua resposta na questão 3 sobre o futebol, relatam ter algum tipo de contato com esse esporte. Um estudante relatou “Não costumo brincar, mas isso não quer dizer que eu não jogo, bem, eu brinco em um campinho perto da minha casa com alguns amigos e parentes”, e outro “Nós nem muito, praticava na minha escola de vez em quando”. A percepção de jogo e brincadeira é evidenciada no primeiro aluno e o segundo evidencia a frequência que não corresponde algo frequente. As duas respostas nos direcionam ao entendimento do deslocamento daquilo que se ensina na escola e o que é percebido na comunidade em que vive.

Isso demonstra que os/as estudantes não reconhecem essas vivências como prática esportiva, provavelmente por associarem à prática a uma ideia mais profissional ou ainda numa perspectiva escolar, não é jogado com tanta frequência, então não pratica nenhum esporte. Dessa forma, mesmo tendo algum contato com o esporte em algumas situações, eles entendem essas experiências mais como brincadeiras do que um jogo.

3.2.2 Habilidade feminina

Foram reunidas nesta categoria seis questões: 4) O que você acha sobre o futebol feminino? Porquê?; 5) Você acha que as meninas e meninos têm as mesmas oportunidades e incentivos para jogar futebol?; 6) Na sua opinião, os meninos cooperam de forma igualitária com todos os colegas durante a prática do futebol? Por que você acha que isso acontece ou não?; 7) Você percebe alguma diferença nas habilidades e no comportamento entre meninos e meninas no futebol? Porque?; 8) Você já presenciou ou vivenciou alguma situação de preconceito ou desigualdade durante a prática de futebol na escola? Se sim, como você lidou com isso?; 9) Como você se sente em relação à possibilidade de jogar futebol misto (meninos e meninas jogando juntos)? O que você acha que poderia ser positivo ou desafiador nessa dinâmica?

No que se refere a questão da percepção dos/as estudantes sobre o futebol feminino, a maioria apresentou percepções positivas acerca da modalidade, destacando a importância da presença feminina nesses espaços, por outro lado, houve respostas que demonstraram desinteresse ou indiferença no esporte e também percepções negativas (ver quadro 4).

Quadro 4. Categorização acerca da opinião sobre o futebol feminino

Percepções acerca da importância da modalidade	<p>Interessante, porque é algo que a muito tempo atrás, as mulheres não podiam fazer.</p> <p>Muito bom, é um esporte muito divertido e para meninas que gostam de jogar é uma adrenalina ótima, sei que deve ter ainda gente por aí que acha que futebol é para meninos, mas as meninas podem ter muitas habilidades.</p> <p>Bacana, porque assim as meninas podem ter o mesmo direito que os meninos em vários aspectos.</p> <p>Acho bonito mulheres que jogam futebol, pois é um esporte que é mais praticado por homens, então é uma forma de mostrarmos que somos boas e algumas vezes melhor que eles.</p> <p>Muito bom porque representa a força feminina e mostra que as mulheres também podem.</p>
--	--

	<p>Legal, porque as mulheres podem sim jogar futebol. Eu acho que não devemos ser preconceituosos porque tanto homem quanto mulher podem jogar.</p> <p>Eu acho algo muito bom e importante para a nossa sociedade, pois esse tipo de esporte dá a mesma oportunidade que os meninos têm para meninas que também tenham interesse pelo esporte.</p> <p>Eu acredito que não importa o gênero, cada um tem o direito de fazer o que quiser, e amo ver meninas realizando o sonho de ser jogadoras, e tenho o prazer de ver o futebol feminino representando mulheres decididas a vencer.</p>
<p>Desinteresse ou indiferença acerca do futebol feminino</p>	<p>Eu não gosto muito, porém eu não sou contra, porque é chata, um pouco chato quero dizer.</p> <p>Nada porque não sei jogar nada, é legal.</p> <p>Para quem pratica deve ser uma boa sensação, mas para mim, não me importo muito.</p> <p>Bom, nunca vi uma menina jogar, mas assim, deve ser muito divertido saber jogar.</p> <p>É basicamente o futebol masculino, só que feminino, então, não gosto muito já que tem que ter muito fôlego para correr, mas acho o esporte bonito.</p> <p>Normal, não tem nada de anormal.</p>
<p>Respostas negativas e desvalorização em relação ao futebol feminino</p>	<p>Não é tão bom quanto a prática do homem, mas é bom por uma parte.</p> <p>Bem, para falar a verdade acho interessante, porque elas se unem, às vezes nem rola discussão com o outro time rival, mas prefiro o futebol masculino acho que os homens combinam mais com o futebol.</p> <p>Uma bosta, mas ainda assim só se importam com o masculino.</p> <p>O futebol feminino não é bom como o do homem, mas também não é ruim.</p>

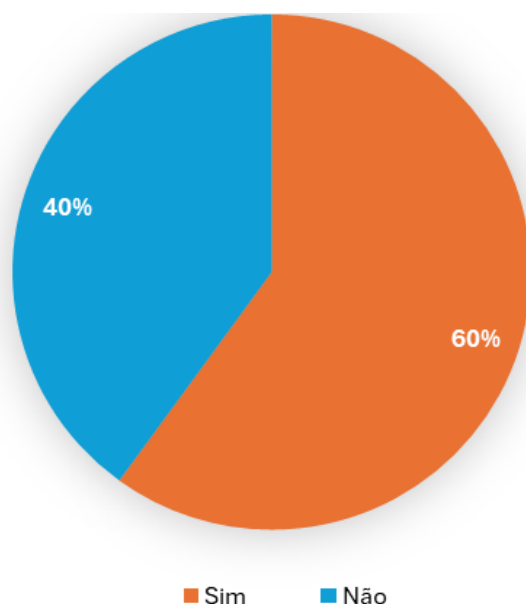
	<p>Palha, porque mulher não sabe jogar.</p> <p>Assim é um pouco bom, mas o masculino é melhor.</p> <p>Eu acho estranho, não tenho explicação.</p> <p>Ruim, por que eu não gosto.</p>
--	--

Fonte: Autora, 2025.

As respostas expressas do quadro 4 corroboram com os apontamentos de Rosa, Souza e Borges (2020) sobre a participação e o interesse de meninas nas aulas práticas, as quais apresentam o maior quantitativo de abstenção das atividades. Falas como “tempos atrás as mulheres não podiam fazer” demonstram a percepção as modificações históricas sobre a prática esportiva, mas ao mesmo tempo encontramos falas que colocam as habilidades femininas como inferiores em relação às masculinas: “Não é tão bom quanto a prática do homem” e “o masculino é melhor”. Reforçando os estereótipos de gênero nas práticas esportivas como as habilidades sendo características inerentes ao masculino, desassociando da construção discursiva de estímulo ao esporte direcionada em sua grande maioria para os meninos.

Sobre as percepções dos/as estudantes acerca de oportunidades e incentivos iguais para meninas e meninos, 60% responderam que percebem que as meninas têm as mesmas oportunidades e incentivos de participação no futebol, enquanto 40% afirmam que não, conforme é expresso no gráfico 6.

Gráfico 6. Percepção sobre se as meninas e meninos têm as mesmas oportunidades e incentivos para jogar futebol



Fonte: Autora, 2025

A identificação de oportunidades destacadas pelos/as estudantes são justificadas, tanto na percepção positiva evidenciando as oportunidades e a compreensão dos processos de igualdade quanto negativa, destacando os preconceitos e a localização do futebol como prática de menino, conforme o quadro 5.

Quadro 5. Justificativas das percepções sobre oportunidades e incentivos iguais para meninas e meninos

<p>Percepções sobre a oportunidade e estímulo na participação presentes na prática do futebol</p>	<p>Sim, porque o futebol é para todo mundo.</p> <p>Sim, porque todos nós temos direitos iguais. O que acaba sendo uma barreira é apenas o machismo na sociedade.</p> <p>Sim, porque assim como os meninos as meninas podem ser ótimas jogadoras.</p> <p>Sim, porque se eles podem jogar nós também podemos, ao incentivar uma à outra a falar que elas também têm poder de jogar e as meninas também a fala delas que podemos.</p> <p>Sim, porque todo mundo tem seu direito de jogar independente do gênero.</p>
---	---

	<p>Sim, eu acredito, porque meninos e meninas têm que ter direitos iguais, nenhum é melhor que o outro.</p> <p>Sim, porque tem meninos e meninas que jogam bola.</p> <p>Sim, pois todos devem ter o direito de praticar aquilo que temos atração. Acredito que meninas também podem ter as mesmas habilidades que os meninos.</p> <p>Elas têm oportunidades, mas os potenciais são diferentes. E é mais leve o futebol feminino.</p> <p>Sim, porque assim como os meninos as meninas podem ser ótimas jogadoras.</p>
<p>As identificações negativas de participação</p>	<p>Não, vários homens dizem que futebol não é para menina.</p> <p>Eu acho que não, pois tem mais vaga para homens.</p> <p>Não, pois o futebol masculino é mais valorizado do que o futebol feminino.</p> <p>Não, por causa da sociedade em que vivemos.</p> <p>Não, pois sociedade em que vivemos o machismo está muito presente.</p> <p>Acho que não, pois os meninos são mais acostumados a brincar na rua, e isso incentiva a jogar, mulheres preferem ficar em casa e brincar com seus brinquedos.</p> <p>NÃO, pois as mulheres sofrem preconceito.</p> <p>Não, porque os olhos de algumas meninas não são capazes de jogar ainda mais aos olhos machistas.</p> <p>Nem tanto, porque ainda assim muitas pessoas ainda pensam que futebol é algo apenas para meninos.</p> <p>Não, pois tem pouco investimento, não somente no futebol e sim em todos os esportes.</p>

	<p>Não, pois na concepção das pessoas os meninos jogam futebol e meninas bonecas.</p> <p>Não, porque todos acham que o futebol é só características de menino.</p> <p>Não, porque quase nenhuma menina tem a oportunidade que alguns meninos têm.</p> <p>Não, porque cada um tem a sua.</p> <p>Porque as meninas não sabem jogar futebol algumas são boas.</p>
--	--

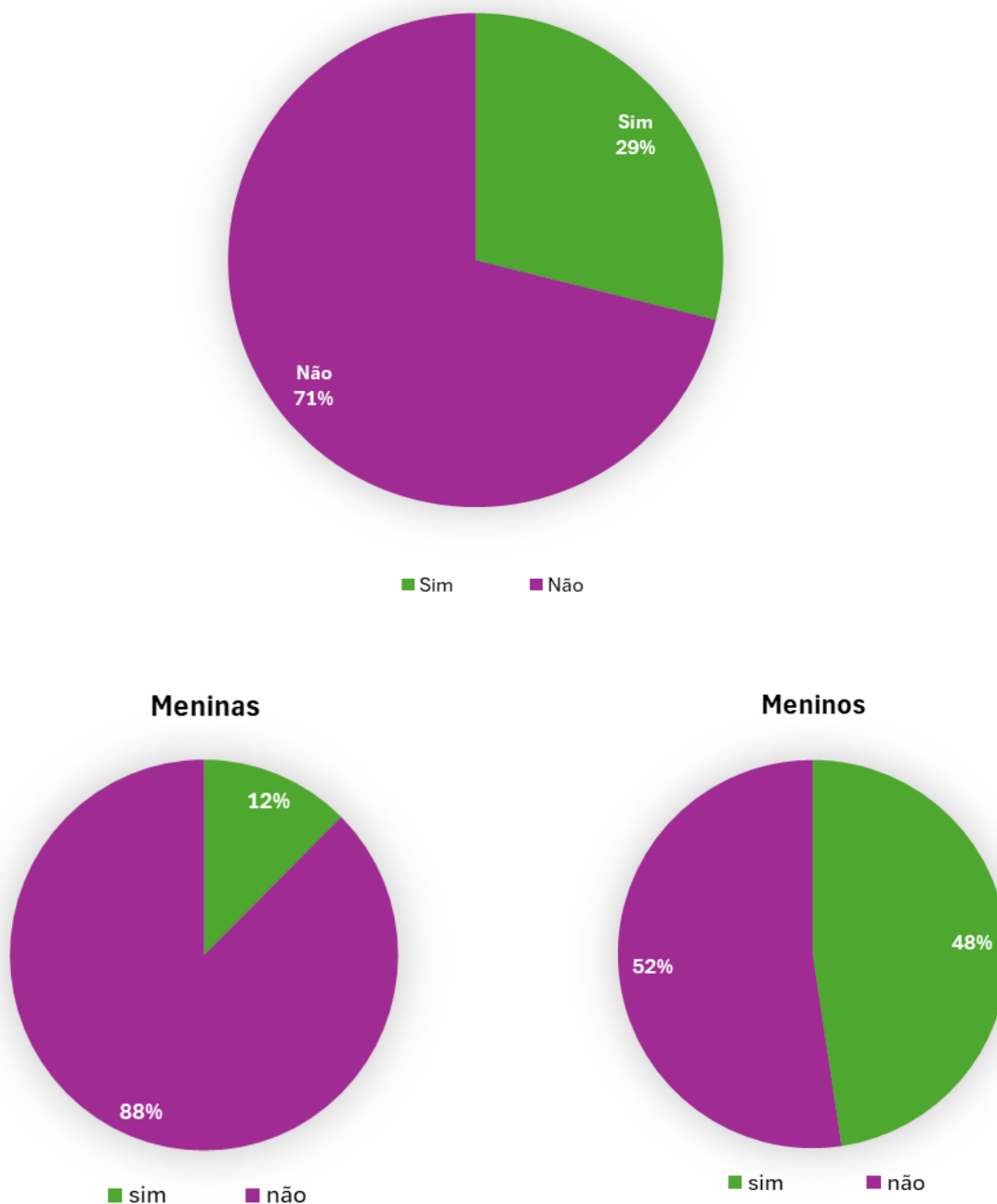
Fonte: Autora, 2025

As justificativas apresentadas pelos/as estudantes no quadro 5 mostram percepções positivas e negativas acerca das diferenças nas oportunidades e incentivos no futebol. Algumas respostas como “Sim, porque o futebol é para todo mundo” e “Sim, porque todos nós temos direitos iguais. O que acaba sendo uma barreira é apenas o machismo na sociedade”, apresenta como eles/as entendem a importância dos direitos e capacidades das meninas e como são conscientes quanto as barreiras sociais que as atravessam.

As respostas negativas evidenciam a presença desses obstáculos culturais, quando falas como “Não, pois o futebol masculino é mais valorizado do que o futebol feminino” e “Não, pois na concepção das pessoas os meninos jogam futebol e meninas bonecas”, reafirmam a presença os estereótipos. Nesse sentido, Martins, Souza Júnior e Reverdito (2023) afirmam que existe a concepção de que algumas pessoas nasceram para jogar e outras não, a partir disso, foram estabelecidos os modelos considerados corretos para o jogo acontecer e os corpos que poderiam ou não jogar futebol/futsal.

Quando questionados sobre os meninos cooperarem de forma igualitária com todos os colegas durante a prática do futebol, 71% das respostas foram não e 29% corresponderam ao sim (ver gráfico 7). Quando distribuimos essas respostas por gênero, é perceptível que as meninas não percebem essa cooperação destacada em 88% das participantes, embora os meninos também não percebam (52%), a diferença é menor em relação aos que afirmam que sim (48%).

Gráfico 7. Percepção da cooperação igualitária na aula de forma geral e por gênero

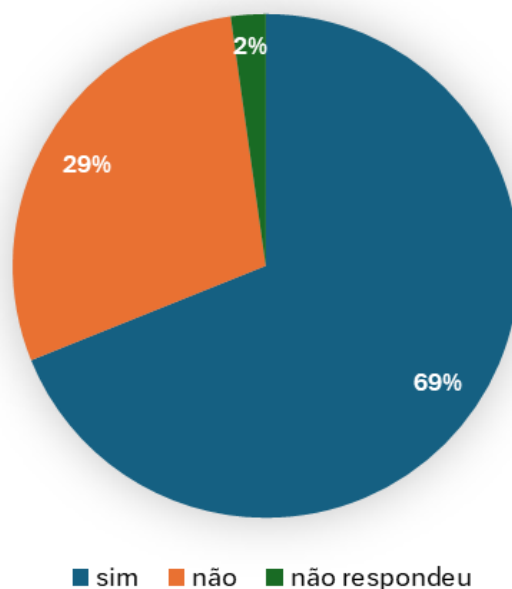


Fonte: Autora, 2025

No que diz respeito à percepção dos/as estudantes se há diferenças nas habilidades e no comportamento entre meninos e meninas no futebol, 69% afirmam que há diferença nessas habilidades, 29% demarcam que não e 2% optaram por não responder à questão (Ver gráfico

8).

Gráfico 8. Percepção de alguma diferença nas habilidades e no comportamento entre meninos e meninas no futebol



Fonte: Autora, 2025

Ao destacar as justificativas apresentadas para sua percepção sobre as diferenças de habilidade entre meninos e meninas no futebol, os/as alunos/as demarcam as respostas associando as diferenças em questão as habilidades e da gestão das emoções nos espaços dos jogos, evidenciando a agressividade e competitividade como característica masculina. Todas as compreensões estão expressas no quadro 6.

Quadro 6. Justificativa apresentada pelos/as estudantes acerca das diferenças de habilidade e comportamento entre meninos e meninas.

Percepção de diferença nas habilidades	Sim, no drible o homem é muito melhor que a mulher, porém algumas mulheres são melhores que "alguns" homens, o porquê é que o homem tem mais físico. Sim, as mulheres são péssimas. Sim, porque os meninos jogam muito mais que as meninas.
--	---

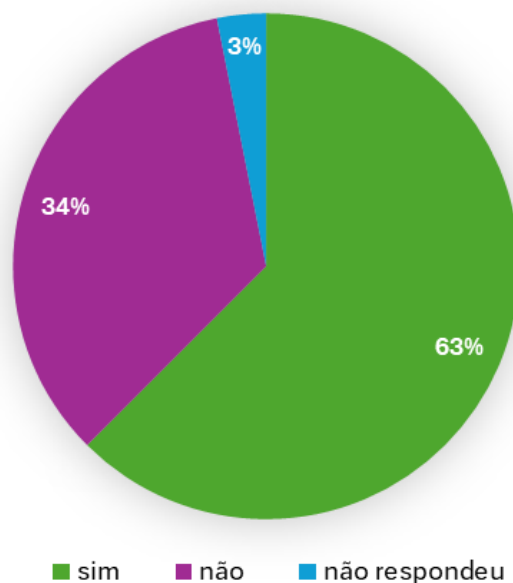
	<p>Sim, tanto as meninas quanto os meninos, são bons, mas os meninos devem ser mais habilidosos e tem mais conhecimento sobre o esporte.</p> <p>Sim, pois os meninos treinam mais.</p> <p>Sim, os meninos entendem mais e sabem jogar mais futebol sobre o futebol.</p> <p>Sim, pois os meninos têm um domínio maior pela influência dos pais.</p> <p>Sim, porque o futebol é para homem.</p> <p>Sim, querendo ou não é muito comum meninos serem mais habilidosos que meninas, principalmente quem não costuma jogar, e as meninas são mais delicadas do que os meninos que são mais ativos.</p> <p>Sim, porque as meninas não têm a mesma habilidade que o menino.</p> <p>Sim, meninos são bons, meninas não.</p> <p>Sim, porque elas não gostam de futebol.</p> <p>Sim, os meninos são melhores, mas são mais agressivos, as meninas são burras.</p> <p>Sim, apenas os meninos, muitas meninas não gostam de jogar bola e apenas vejo a habilidade dos meninos e o comportamento que se torna um pouco agressivo.</p> <p>Sim, os meninos não gostam de praticar com as meninas, porque as meninas não praticam futebol, quando as meninas querem jogar eles não querem porque acham que a menina não sabe jogar. As meninas só praticam outros esportes.</p> <p>Sim, pois o nível é diferente, seja por técnica ou qual a força é maior.</p> <p>As meninas são burras.</p> <p>Bastante, tudo em questão de habilidade.</p>
--	---

<p>Diferença sobre o comportamento</p>	<p>Sim, meninas são mais comportadas.</p> <p>Sim, percebo por que os meninos não têm comportamento adequado quando vão fazer suas atividades física não respeita ao momento que eles perdem ou ganham, já nós respeitamos os momentos e comportamento somos bem diferentes deles.</p> <p>Sim, tem alguns, meninos que não gostam de perder ainda mais para uma menina, tem meninas que são melhores que meninos e eles não gostam muito bem disso, e tem meninos que pegam leve demais só porque são meninas e os que são agressivos demais independente de quem for.</p> <p>Sim, os meninos correm que nem loucos muito rápido as meninas vão um pouco mais devagar que eles.</p> <p>Sim, pois os meninos são brutos e só pensam em brigar, já as meninas, não.</p>
<p>Nenhuma diferença entre meninas e meninos no futebol</p>	<p>Acho que não, já que eu acho eu acho a mesma coisa entre as meninas e os meninos no futebol.</p> <p>Não, o não é porque eu raramente não vejo.</p> <p>Acho normal.</p> <p>Não, nunca vi.</p>

Fonte: Autora, 2025

Sobre ter presenciado ou vivenciado alguma situação de preconceito ou desigualdade durante a prática de futebol na escola, 63% afirmaram que já presenciaram ou vivenciaram alguma situação preconceituosa ou desigual e 34% destacaram que não experienciaram qualquer situação do tipo (Ver gráfico 9).

Gráfico 9. Identificação de experienciação sem situações de preconceito ou desigualdade durante a prática de futebol na escola



Fonte: Autora, 2025

É importante destacar que quando a maioria identifica alguma situação de preconceito ou desigualdade durante a prática do futebol, acende um alerta sobre como estamos intervindo nos espaços de práticas esportivas. De acordo com Moura (2017) é preciso garantir o combate aos preconceitos e favorecer as intervenções que incluam os diversos tipos de participação em sala que favoreçam a participação inclusiva e respeitosa.

Ao solicitarmos que expressassem como lidaram com a situação, tivemos os seguintes apontamentos que estão destacados no quadro 7. É evidente que o fazer nada é uma estratégia utilizada para não se envolver nas questões, no entanto alguns estudantes se utilizam dos xingamentos (violência verbal) para superar as situações. Porém, apenas uma/a estudante associou o professor para realizar a intervenção.

Quadro 7. Respostas de como lidaram com situações de preconceito ou desigualdade.

Sim, não fiz nada.

Sim, eu discuti, pois acho besteira eles nos menosprezarem por ser meninas.

Sim, que é esse preconceito dos meninos com as meninas pra elas não saberem jogar.

Sim, quando não incluíam o garoto ruim, eu lidava dando minha vez pois jogava demais.

Reclamei com o professor, pois eles dificilmente deixam as garotas jogarem.

Sim, eu não fiz nada, porque não era comigo, se fosse eles iriam escutar o que eu tinha pra falar sobre isso.

Eu não lidei com nada porque não devemos falar nada que deixa eles bravos, ou ofendidos, a desigualdade durante a prática da escola é que eles ficam brigando como nós, e quando vamos falar para eles rola uma desigualdade não muito boa.

Eu lido xingando.

Sim, mandei cuidar da própria vida.

Sim, mas não me meti no assunto.

Sim, eu xinguei demais.

Sim, toda aula de Educação Física.

Fonte: Autora, 2025

No que se refere às percepções dos/as estudantes sobre a prática do futebol de forma mista, meninas e meninos jogando juntos, as respostas mostram diferentes posicionamentos em relação à proposta. De maneira geral, foi possível identificar visões positivas, mas também resistências e inseguranças quanto à prática conjunta, muitas vezes relacionadas a comportamentos agressivos ou a dificuldades de convivência entre os meninos e as meninas na prática esportiva, como é possível identificar no quadro 8.

Quadro 8. Percepções dos/as estudantes em relação às aulas mistas no ensino do futebol

Expectativas positivas, mas com ressalvas	Seria bom, pois iria ser mais inclusivo, entretanto, a diferença de expectativa seria diferente. Ótimo, mas os meninos irão competir mais. Acho que seria muito divertido, eu ia gostar bastante. Acho uma boa ideia, um ponto positivo é sermos incluídas e o
---	---

	<p>desafiador era os meninos que não sabem brincar sem machucar (não todos).</p> <p>Seria positivo incluir as meninas, e seria desafiador para as meninas porque os meninos sabem muito mais sobre futebol do que as garotas.</p> <p>Eu acho que os meninos têm mais capacidade de ganhar, porque os meninos têm mais força do que as meninas.</p> <p>Desafiador seria as brincadeiras de mal gosto e apelidos ofensivos. Positivo seria promover a inclusão social e incentivar a participação ativa dos alunos.</p> <p>Seria bom, porque dava para diferenciar, o positivo porque as meninas e meninos ia se unir mais, o desafio que seria é que os meninos são acostumados a jogar brutalmente e já as meninas não.</p> <p>Bom, eu me senti normal com isso, e nenhum deles ligaram por ser menina, até porque era só uma brincadeira entre amigos. Foi bem desafiador porque os meninos eram melhores que eu, mas não foi nada com que eu não possa lidar, pelo contrário foi bem legal.</p> <p>Acho bom eles jogarem juntos e é ruim por ter brigas às vezes.</p>
<p>Resistências e inseguranças sobre a prática conjunta</p>	<p>Com tédio, porque os meninos ficam mais agressivos e seria difícil lidar com eles apenas percebessem que estão lidando com garotas e positivo nos ajudar a não ser sedentário.</p> <p>Eu acho que o futebol mesmo não daria muito certo, pelo menos na minha escola, pois os meninos costumam ser mais agressivos.</p> <p>Bem, acho que não teria a possibilidade de as meninas jogarem com os meninos, até porque eles não iriam aceitar jogar com as meninas.</p> <p>Desafiador, porque os meninos iriam fazer de tudo para ganhar.</p> <p>Nada, futebol não é pra menina.</p> <p>Insegura, acho que poderíamos jogar de forma certa e sem agressividade ou xingamentos.</p> <p>Desafiador, pois os meninos daqui, não todos, não sabem o</p>

	<p>significado de união.</p> <p>Péssimo, meninas contra meninos</p> <p>Normal, as meninas têm um pouco de dificuldade.</p> <p>Um pouco menos esforçado, desafiador</p> <p>Desconfortável, não conseguiria jogar no mesmo nível que os meninos</p> <p>Eu acho um pouco desafiador, pois os meninos são mais brutos, diferente das meninas.</p> <p>Não, porque assim é arriscado as meninas jogarem com os meninos.</p> <p>Bom, tem um, porém nisso é que os meninos quase não deixam as meninas jogarem, então acho que não poderia ser positivo mas desafiador para os meninos que querem jogar.</p> <p>Atrapalha muito, e não é muito desafiador é mais fácil</p>
<p>Indiferença desinteresse</p>	<p>ou</p> <p>Não sei, e nunca ouvi falar</p> <p>Não sei informar.</p> <p>Primeiro que eu não jogaria, segundo que seria interessante assistir, mas não participar.</p> <p>Eu me sinto normal, chega a ser bem normal com as meninas</p> <p>Menos esforçado</p>

Fonte: Autora, 2025

De uma maneira geral, as falas dos/as estudantes se associam às percepções de habilidades e competições entre os grupos de meninos e meninas, reforçando o que eles/as entendem sobre a execução da prática, termos como agressividade, violência e domínio de jogo são recorrentes. Porém, a expressão “futebol não é para meninas” demarcada por um dos estudantes evidencia que é necessário combater nos espaços da Educação Física a discriminação e condutas machistas em relação à prática de qualquer modalidade.

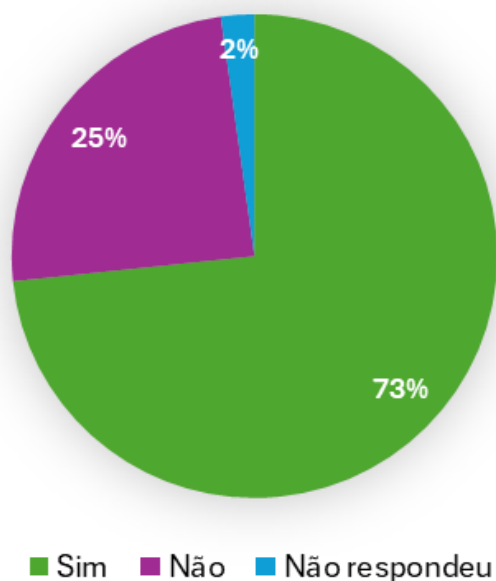
Estudos como os desenvolvidos por Santos e Brito (2023) apontam que a construção de masculinidades associadas à compreensão de domínio e controle, além da intensificação da percepção de habilidade e de força, se colocam como elementos sociais que precisam ser problematizados e criticados durante toda a atividade docente, a fim de garantir uma educação física igualitária.

3.2.3 Metodologia de ensino

No que se refere a construção dessa categoria, as questões identificadas são: 1) Nas aulas de Educação Física da escola, o futebol é praticado regularmente? Como essas aulas são organizadas e quais atividades são realizadas?; 2) Como as aulas de futebol poderiam ser melhoradas para que todos os alunos se sentissem mais motivados e engajados a participar?

Quando questionados sobre a regularidade das aulas de Educação Física que tem como o futebol o principal conteúdo, a maioria dos/as estudantes responderam que o futebol/futsal é a atividade mais recorrente nas aulas de Educação Física com 73% das respostas.

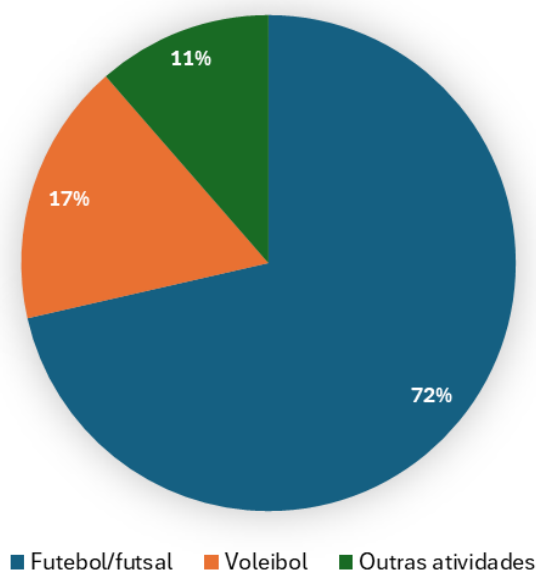
Gráfico 10. Percepção sobre a utilização com regularidade do tema futebol/futsal nas aulas de educação física



Fonte: Autora, 2025

Sobre quais as atividades são realizadas nas aulas de Educação Física, a maioria respondeu que futebol/futsal predomina nas aulas na quadra, seguido do vôlei, em menor proporção, foram mencionadas outras atividades, que são apontadas pelos/as estudantes como bola queimada e outras práticas que não foram especificadas pelos/as estudantes (Ver gráfico 11). No entanto, os/as alunos/as não responderam em relação à organização das aulas, porém é possível identificar que a percepção se centrou em aulas práticas e não teóricas.

Gráfico 11. Atividades desenvolvidas em sala de aula



Fonte: Autora, 2025

Em relação à questão sobre como as aulas de futebol poderiam ser melhoradas para que todos os alunos se sentissem mais motivados e engajados a participar, as respostas se aproximam de sugestões para a inclusão e participação mista, propostas de melhorias na metodologia, além de algumas manifestações que reforçam a separação nas aulas. Como podemos observar nos trechos abaixo do quadro 9.

Quadro 9. Sugestões de melhoria das aulas para aumento da participação e engajamento

Percepção sobre inclusão	Sim, se os meninos não jogassem com tanta brutalidade, acho que as meninas iriam ter mais vontade de praticar o futebol na Educação Física
--------------------------	--

	<p>da escola. Porque vão ter um certo medo de se machucar durante o jogo.</p> <p>Fazendo os times mistos, para que um time não ficasse mais fraco que o outro.</p> <p>Primeiramente que eles deveriam incluir mais as meninas.</p> <p>Poderia melhorar na parte do preconceito e outras pessoas se acharem melhor que outras, e ter mais inclusão com os outros.</p> <p>Poderia ser melhor se os meninos ajudassem as meninas no futebol, aí todos os alunos que querem jogar poderiam ter a oportunidade de jogar e aí ninguém reclamaria.</p> <p>Poderia incluir mais a todos.</p> <p>Ter mais paciência com quem é iniciante.</p> <p>Tratar todos com igualdade e respeitar uns aos outros.</p> <p>Bom, poderia começar com todo mundo jogando junto e dividindo a quadra, isso seria bom começo, e os meninos parassem que ser machista independente de quem estivessem brincando com eles, também que eles parassem de brincar com tanta violência.</p> <p>Ser mais compreensivos, ser mais companheiro no jogo para todos se sentirem mais confiantes no jogo.</p> <p>Trazer diversos esportes a cada aula.</p>
<p>Sobre metodologia</p>	<p>Sendo um jogo justo, mas ainda assim não iria participar, Educação Física aqui é só futebol e eu odeio, porque não sei e não quero, deveriam ensinar outro esporte ou brincadeiras.</p> <p>Praticar outros esportes, além do futebol, vôlei é bom ter outros esportes.</p> <p>Divertidas, e algo que chamasse atenção das garotas e não só dos garotos.</p> <p>Se fizesse um aquecimento básico de 10 minutos daria até vontade de jogar.</p> <p>Primeiro, seria ótimo criar regras para todos aceitarem, depois ter uma conversa sobre como o futebol seria melhor com as opiniões de cada um,</p>

	<p>assim, se todos quisessem, poderia ter mais melhoria com as meninas jogando com os meninos.</p> <p>Com conselhos, encorajamento dos professores, disciplina, esforço entre outros.</p> <p>Ter esportes mais leves, não pesados, não endurecidos é bom para nós mesmo sentirmos bem.</p> <p>Mais aulas de práticas, condicionamento físico e dinâmicas divertidas sem causar alvoroços.</p> <p>Dinâmicas melhores.</p>
<p>Separação das turmas</p>	<p>A prática de futebol deveria ser dividida entre o futebol feminino e masculino.</p> <p>Que os meninos jogam futebol e as meninas bola queimada.</p> <p>Acho que não deveria melhorar nada, está bom do jeito que está.</p> <p>Dividir a quadra 30 minutos para os meninos e 30 para as meninas.</p> <p>Dividir os horários.</p>

Fonte: Autora, 2025

As propostas apresentadas como alternativas para a melhoria das aulas, demonstram que alguns/mas alunos/as percebem que é preciso modificar as formas como as aulas são apresentadas, destacando como saída a diversidade dos conteúdos. Essas falas corroboram com os estudos de Uchoga e Altmann (2017), ao afirmarem que a ampliação das possibilidades diversas dos conteúdos, proporcionam outras experiências para além daquelas já consolidadas nas percepções de gênero como de meninos.

A solicitação da separação das turmas para execução das aulas por parte dos/as estudantes é um sintoma de como o processo de ensino da educação física ainda é pautado na separação por sexo/gênero, utilizando as justificativas de melhoramento do processo de ensino baseadas em ponderações sem fundamentos científicos, apenas a reprodução consciente de condutas de comportamentos machistas e excludentes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver a pesquisa destacando os olhares sobre o ensino do futebol e a coeducação permitiu que eu compreendesse que o ensino dos conteúdos atravessam os entendimentos de gênero diluídos nas percepções sociais. As respostas apresentadas pelos/as estudantes reforçam esse entendimento sobre as representações do que é ser menino e menina em relação ao esporte.

Os achados da pesquisa se alinham com as pesquisas levantadas na revisão de literatura em que a escola é um espaço de gendramento de corpos e que a Educação Física tem contribuindo para essa consolidação, especialmente por não considerar outras possibilidades metodológicas de ensino, especialmente do futebol/futsal. Ao longo da minha investigação, foi possível constatar que, apesar da crescente produção teórica sobre coeducação, igualdade de gênero e inclusão nas práticas corporais escolares, a realidade observada ainda está marcada por resistências estruturais, práticas pedagógicas desiguais e pela persistência de estereótipos de gênero. Um abismo gigante entre o que encontramos nas teorias e sua execução no cotidiano da escola.

É evidenciado nesta pesquisa que as metodologias de ensino do futebol na escola investigada, frequentemente reproduzem desigualdade de gênero, se distanciando assim, dos princípios das práticas coeducativas. A partir das observações em campo e da aplicação dos questionários, reconheço que as aulas de futebol/futsal, muitas vezes, ainda operam como um espaço de reafirmação das desigualdades de gênero, relegando as meninas a papéis secundários ou à exclusão total da prática. A violência simbólica, expressa em comportamentos agressivos, linguagens desqualificadoras e naturalização da exclusão, aparece como elemento estruturante das interações, impactando negativamente o envolvimento e a autoestima das estudantes do sexo feminino. Essa configuração desafia o ideal da coeducação e sinaliza a urgência de uma formação docente comprometida com uma pedagogia crítica e inclusiva.

Alinhado a isso tudo, minha observação em campo me permitiu perceber que a falta de comprometimento pedagógico do professor é um dos principais fatores que perpetuam a dinâmica de exclusão nas aulas. Quando a simples entrega da bola e a permissão para um "jogo livre" se tornam práticas contínuas e frequentes, isso se converte em um jogo de poder, onde as meninas e aqueles que são considerados "ruins" são afastados das práticas, mesmo quando há desejo de participar. Afinal, na selva do jogo livre as habilidades são elementos acionados para a visibilidade na percepção do sempre "ganhar".

A coeducação adentra esse espaço proporcionando um olhar inclusivo, de combate e de

respeito às diversidades que existem nos espaços escolares e nas quadras, permitindo que as experiências motoras sejam ampliadas sem o fomento da exclusão ou do destaque dos mais habilidosos.

As limitações do estudo se concentram no processo de construção dos questionários, que percebemos possibilidades de perguntas mais eficientes, o que só foi possível após as aplicações e análises. O quantitativo dos/as participantes, também, é um ponto a ser considerado como limitante, pois me concentrei apenas em uma escola do Município de Pinheiro/Ma e em duas turmas, além de não ter evidenciado o olhar em relação à percepção do professor sobre a temática. No entanto, uma questão que preciso pontuar como desafio relevante foi lidar com a resistência silenciosa de parte da comunidade escolar em debater as questões de gênero com profundidade, o que me exigiu muita sensibilidade e jogo de cintura para não desandar com as relações interpessoais no decorrer da minha pesquisa.

Durante o andamento da pesquisa, constantemente, fui tomada por um sentimento de impotência diante da realidade, quando observava as aulas, durante a aplicação e análise das respostas dos questionários ao perceber o quanto essas práticas de exclusão são neutralizadas dentro dos espaços escolares. No entanto, esse cenário evidencia o quanto é necessário que os/as profissionais de Educação Física estejam atentos/as às/aos alunas/os. A luta contra as desigualdades e estereótipos de gênero não é exclusiva da educação física, mas em uma quadra ou em uma sala de futebol/futsal eles se manifestam de forma bem mais clara.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. S. de. Co-educação ou classes mistas? Índícios para a historiografia escolar (São Paulo – 1870-1930). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 86, n. 213/214, 1 dez. 2005. Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1404>. Acesso em 02 maio 2025.
- ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista brasileira de ciências do esporte**. Porto Alegre, RS : Elsevier, 2016. Vol. 38, n. 2 (abr./jun., 2016), p. 163-170. Disponível em: 20.500.12733/2551. Acesso em 16 jul 2024.
- ALTMANN, H. et al. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 1, 15 jan. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44074>. Acesso em 10 dez 2024.
- AUAD, Daniela; SALVADOR, Raquel Borges. Políticas Públicas e Coeducação: o Desafio da Democratização a Partir das Relações de Gênero em uma Perspectiva Feminista. **ORG & DEMO**, Marília, SP, v. 16, n. 00, 2015. DOI: 10.36311/1519-0110.2015.v16n00.5136. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/orgdemo/article/view/5136>. Acesso em: 05 jun. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016
- BORGES, R. Z. A co-educação no ensino do futebol nas aulas de educação física a partir da perspectiva dos alunos. *Kinesis*, [S. l.], v. 36, n. 2, 2018. DOI: 10.5902/2316546425206. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/25206>. Acesso em 22 ago. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- CORRÊA, Julia Marques de Souza. “Mulher macho?": preconceito de gênero e futebol feminino. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/21109/1/JCorrea.pdf>. Acesso em 10 dez 2024.
- COSTA, M. R. F. da; SILVA, R. G. O ensino da diferença sexual nas aulas de educação física. In: Anais do 1o Encontro da ALESDE (Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte). Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas. Realizado nos dias 30, 31/10 e 01/11/2008. UFPR – Curitiba/PR, Brasil. Disponível em: <http://www.cev.org.br/biblioteca/o-ensino-diferenca-sexual-nas-aulas-educacao-fisica/>. Acesso em 12 jun. 2025.
- COSTA, M. R. F; SILVA, R. G da. A Educação Física e a co-educação: igualdade ou diferença? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v. 23, n. 2 (2002). <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/269>. Acesso em 22 ago. 2024.
- CRUZ, A. P. et al. A mulher no mundo do futebol: participação nas aulas de educação física. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 13, n. 55, p. 581–588, 2021. Disponível em: <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1118>. Acesso em 24 abr. 2024.

DEVIDE, F. P.; ROCHA, C. M. da; MOREIRA, I. dos S. Coeducação e Educação Física escolar: uma ferramenta para abordar questões de gênero nas práticas corporais. *Cadernos de Formação da RBCE*, Campinas, v.11, n. 2, p. 48-60, 2020. Disponível em: <http://rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2420>. Acesso 02 maio 2025.

EVANGELISTA, M. H. S.; MACHADO, B. P.; FRANCO, N. Sexualidade e Educação Física escolar nos periódicos brasileiros (1979-2018). *Motrivivência*, v. 32, n. 62, p. 01–21, 2020. DOI: 10.5007/2175-8042.2020e67534. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e67534>. Acesso em 24 abr. 2024.

FREITAS, Marcel de Almeida. Futebol e construção da subjetividade masculina: leituras da psicologia social. *Rev. bras. psicol. esporte*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 01-19, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452007000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 jun. 2025

GERHARDT, T. G.; SILVEIRA, D.T. (Organizadoras). (2009). *Revista Métodos de Pesquisa* (1ª ed.). Porto Alegre: Editora da UFRGS. Disponível em: https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/d_erad005.pdf.

LIMA, R. R. **Quem disse que não posso jogar?** Relações de gênero nos espaços da Educação Física Escolar em Pio XII/MA. São Luís: EDUFMA, 2020

MOURA, I. L. O FUTEBOL COMO FERRAMENTA NA COEDUCAÇÃO. *Temas em Educação Física Escolar*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 94–105, 2017. DOI: 10.33025/tefe.v2i1.767. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/767>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ROSA, M. V. da; SOUZA, M. de O.; BORGES, A. M. PRECONCEITO CONTRA A MULHER NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO NONO ANO. *Revista Práxis*, [S. l.], v. 1, p. 102–117, 2020. DOI: 10.25112/rpr.v1i0.1789. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/1789>. Acesso em: 08 set. 2024.

SANTOS, Ana Paula da Silva; BRITO, Leandro Teófilo de. DIÁLOGOS COM AS MASCULINIDADES POR MEIO DA PERSPECTIVA INTERCULTURAL E DA COEDUCAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. *e-Mosaicos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 29, p. e-74987, 2023. DOI: 10.12957/e-mosaicos.2023.74987. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/74987>. Acesso em 22 ago. 2024.

SCHÖNARDIE, M. G. et al. “Não torço pra nenhum time, não sei as regras e se me convidam pra jogar eu não jogo”: a relação das meninas menos habilidosas com o conteúdo futebol/futsal nas aulas de Educação Física. *Motrivivência*, v. 35, n. 66, p. 1–17, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/86970>. Acesso em 24 abr. 2024.

SOMARIVA, J. F. G.; CRUZ, T. M. A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO FUTEBOL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO. *Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, v. 12, n. 22, p. 389, 2018. *Anima*

Educação. <http://dx.doi.org/10.19177/prppge.v12e222018389-409>. Acesso em 24 abr. 2024.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. *Motriz*, v.16, n.4, p. 920-930, 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n4p920>. Acesso em 22 ago. 2024.

UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H.. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 38, n. 2, p. 163–170, abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/rdqF38mftSTqS7tCLrFLBMQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 08 ago 2024.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANA, A. E. S. .; ALTMANN, H. . MENINAS E MENINOS EM CAMPO: EXPERIÊNCIAS COM O JOGO EM UMA ESCOLA DE FUTEBOL. *Revista Mineira de Educação Física*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 113–122, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revminef/article/view/10015>. Acesso em 22 ago. 2024.

VIANA, A. E. S. Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica, v. 6, p. 640-648, 2008.

ZAMAI-FRANCISCO, S. E.; FLAUZINO, S. C. S.; PRANDI-GONÇALVES, M. B. R.; RUIZ, M. A. A. A (DES)IGUALDADE DE GÊNERO NA ESCOLA . *Imagens da Educação*, v. 12, n. 4, p. 137-157, 30 nov. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/60526>. Acesso em 22 ago. 2024.

Anexo A: Parecer consubstanciado de aprovação do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO - UFMA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PRODUÇÕES DE GÊNERO: os espaços da escola como campo de disputa para uma educação de combate às desigualdades e respeito às diversidades

Pesquisador: Rarielle Rodrigues Lima

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 64529322.7.0000.5087

Instituição Proponente: Universidade Federal do Maranhão

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.836.564

Apresentação do Projeto:

Desenho:

Estudo qualitativo em vertente pós-estruturalista com cunho etnográfico.

Resumo:

A proposta de projeto de pesquisa "PRODUÇÕES DE GÊNERO: os espaços da escola como campo de disputa para uma educação de combate às desigualdades e respeito às diversidades" está alinhada aos objetivos da agenda 2030 da ONU, principalmente aos ODS 05 (igualdade de gênero),

ODS 04 (Educação de qualidade) e ODS 10 (Redução das desigualdades) por construir a escola como campo de compreensões sobre as relações

entre os sujeitos a partir das vivências em educação para as diversidades, transformando o meio social que o agentes estão inseridos. A pesquisa

será realizada entre 2023 e 2025, no Município de Pinheiro/MA, tendo seu caráter qualitativo etnográfico com análises de conteúdo, a partir de observações, grupos focais e entrevistas.

Introdução:

A proposta de projeto de pesquisa "PRODUÇÕES DE GÊNERO: os espaços da escola como campo de disputa para uma educação de combate às desigualdades e respeito às diversidades" está alinhada aos objetivos da agenda 2030 da ONU,

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho

Bairro: Bacanga

CEP: 65.080-805

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708

Fax: (98)3272-8003

E-mail: cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 5.836.564

principalmente aos ODS 05 (igualdade de gênero), ODS 04 (Educação de qualidade) e ODS 10 (Redução das desigualdades) por construir a escola como campo de compreensões sobre as relações entre os sujeitos a partir das vivências em educação para as diversidades, transformando o meio social que o agentes estão inseridos. Ao pensarmos a escola como espaço de transformação social e, conseqüentemente, uma tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994) que atualiza as referências sobre as condutas entre “meninos” e “meninas” é possível identificarmos como as produções discursivas direcionam as ações de reconhecimento das diferenças, possibilitando alterações para uma visão de mundo mais igualitária, equitativa e diversa. Assim, a escola se estabelece como um acesso inicial para a construção de uma sociedade mais democrática. De acordo com o posicionamento de Guacira Lopes Louro (2007), quando argumenta sobre a construção escolar das diferenças, a escola é produtora de desigualdades, distinções e diferenças acrescentando que esta foi [...] concebida inicialmente para acolher alguns – mas não todos – ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, “garantir” - e também produzir – as diferenças entre os sujeitos (LOURO, 2007, p. 57). Ao trazermos as discussões de gênero e as problematizações inerentes à temática para a escola iniciamos o processo de letramento de gênero para o reconhecimento das construções sociais e culturais que perpassam a sociabilidade cristalizada dos papéis sociais desempenhados, os quais colocam o sujeito lido como feminino em um lugar de subalternidade, além de deslocar os sujeitos que não se encaixam nas representações esperadas na heterocisnormatividade. Partindo dessas inquietudes e observações, elaboramos a problemática desta pesquisa que recai sobre como as representações de gênero e sexualidade compartilhadas pelos sujeitos que compõem os territórios escolares interferem nas relações constituídas nesses espaços? e como as maneiras de compreender o corpo que se educa e se inscreve a partir de referenciais de comportamentos e atitudes

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 5.836.564

direcionam as ações de permanência ou exclusão de alunos/as do cotidiano da escola? Acrescentamos, ainda, como categorias que poderão ser acionadas para referenciar as construções de dados na pesquisa ora proposta são: Tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994) para compreensão da escola como aparato tecnológico de produção de corpos e as estratégias utilizadas para subverter os discursos e ações; Heteronormatividade (BUTLER, 2003) enquanto matriz discursiva de produção social e inteligibilidade das relações de gênero; Abjeção de gênero (BUTLER, 2004), como operação de exclusão fundante do sujeito através da qual os binarismos de gêneros delimitam e fixam o que deve ser percebido e reconhecido; Performatividade (BUTLER, 2004), como mecanismo de ação social através do qual uma norma é corporificada, ou seja, a expressão reiterada, mas descontínua de normas no corpo, normas que precedem, coagem e excedem o ator no seu processo de produção de si; Temporalidade (BARTH, 2000), como ponto de intersecção que as variações são constantes e fluidas, as quais devem ser demarcadas em espaços temporais de acontecimento, visibilizando as variações de posicionamentos e visões de mundo. O caráter inovador da proposta recai sobre o processo de interiorização das problematizações de gênero, evidenciando as narrativas específicas da baixada maranhense, em especial o Município de Pinheiro. Possibilitando um olhar mais crítico sobre a atuação dos diversos sujeitos que fazem parte do espaço educativo, principalmente desnudando preconceitos sobre identidades de gênero e sexualidades.

Metodologia Proposta: O caminho metodológico escolhido, partindo da concepção de Gil (2011, p. 08) de que o método é “como caminho para se chegar a determinado fim”, foi o método etnográfico (BEAUD; WEBER, 2007) para aquisição e construção das informações sobre o processo de construções sobre a educação física na escola, suas representações e identidades de reconhecimento inerentes a esses espaços educacionais formais. Nessa perspectiva a captação de informações e a produção de dados como pontuam Stéphane Beaud e Florence Weber (2007) requer um posicionamento do pesquisador que viabilize a sua inserção no local escolhido, tendo como ponto de partida a execução do método etnográfico que

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 5.836.564

“reconstitui as visões da base mais variadas do que se imagina; permite o cruzamento de diversos pontos de vista sobre o objeto, torna mais clara a complexidade das práticas e revela sua densidade” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 10-11). Nesse sentido, os instrumentos de pesquisa que auxiliarão e possibilitarão a construção das informações são: A análise documental (CELLARD, 2008) e a Revisão de Literatura (GIL, 2011) por permitirem a compressão do que foi e do que está sendo produzido quanto a temática escolhida, além de possibilitar um panorama geral sobre as ações e discussões que envolvem as compreensões sobre educação física na escola. A observação por corresponder à inserção do (a) pesquisador (a) no ambiente estudado para a construção dos dados que são inerentes a uma pesquisa de campo permite que a relação entre sujeito-objeto e o delineamento da subjetividade no campo sejam considerados para a compreensão dos processos sociais possibilitando o entendimento dos interesses e das atitudes dos (as) atores (atrizes) (JACCOUD; MAYER, 2008; RICHARDSON et. al., 2008) no processo de observação, o qual é direcionado pelas leituras teóricas e objetivos estabelecidos. A entrevista semiestruturada, direcionada aos/as gestores/as e professores/as, por ser um “instrumento que permite elucidar condutas [sociais], na medida em que estas só podem ser interpretadas, considerando-se a própria perspectiva dos atores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas ações” (POUPART, 2008, p. 217); possibilita a compreensão dos conhecimentos envolvidos no processo de construção e representação da Educação Física na escola e também por dar liberdade ao entrevistado/a em comentar pontos que em perguntas fechadas não apareceriam (BEAUD; WEBER, 2007). Os grupos focais, direcionados aos/as alunos/as, por permitirem a discussão de diversos tópicos que são elencados e sugeridos pelo/a pesquisador/a e que de certa maneira possibilita o entendimento do “processo de construção de percepções, atitudes e representações sociais do grupo” (GONDIM, 2003, p. 151). Assim: O foco não se encontra na análise dos conteúdos manifestos nos grupos, mas sim no discurso que permite inferir o sentido oculto, as representações ideológicas, os valores e os afetos vinculados ao tema investigado. A premissa é a de que os pequenos grupos tendem a

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 5.836.564

reproduzir nos jogos de conversação, o discurso ideológico das relações macrossociais (GONDIM, 2003, p. 151-152).

Metodologia de Análise de Dados:

No intuito de se estabelecer a análise do discurso construído nas entrevistas e nos grupos focais parte-se do posicionamento de Michel Foucault de que “[...] os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse “mais” que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2012, p.56).

Desfecho Primário:

Esperamos alcançar como resultado da pesquisa a identificação das compreensões sobre as relações de gênero e sexualidade na escola, para elaboração de possíveis ações interventivas na temática estudada, contribuindo para a desconstrução de concepções essencializantes sobre os processos de construção de gênero limitados ao binarismo masculino/feminino. Esperamos que o estudo seja um ponto de partida, colaborando para a qualificação dos professores da educação básica no estado do Maranhão, por intermédio das análises realizadas sobre como as relações de gênero e sexualidade são compreendidas e estabelecidas nos espaços escolares consolidando as ações dos objetivos de desenvolvimento sustentável. Por último, visando à difusão das reflexões e conclusões atingidas com essa pesquisa, espera-se, além de apresentar trabalhos derivados em congressos e encontros das áreas correspondentes, publicar artigos em periódicos científicos e converter o relatório final de pesquisa em uma possível publicação de um livro. Além de elaborar uma cartilha com os principais pontos de esclarecimentos relacionados aos aspectos de dificuldade percebidos no processo de execução da pesquisa.

Tamanho da Amostra no Brasil: 100

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar como ocorrem as produções de gênero nos espaços da educação básica (Ensino Fundamental e Médio) em Pinheiro/MA, entre 2023 e

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF:MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 5.836.564

2025.

Objetivo Secundário:

Identificar o perfil dos docentes e discentes participantes da pesquisa; Conhecer os agentes de mobilização das discussões de gênero na escola; Identificar autorizações e interditos envolvendo as discussões de gênero; Elaborar ações formativas de educação para a diversidade e igualdade de gênero.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa apresenta menor risco, referindo-se apenas há algumas respostas evidenciadas nos questionários ou entrevistas sobre alguns acontecimentos das aulas de Educação Física, que o participante pode sentir um desconforto/constrangimento quanto às respostas. Para minimizar essa situação, os questionários serão disponibilizados por meio da plataforma google (forms) e não será necessário a identificação com o nome do participante, assim como a entrevista, que qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. O tempo estimado para responder o questionário é de aproximadamente trinta minutos, e o da entrevista é uma hora.

Os benefícios da pesquisa proporcionam aos participantes reconhecer a importância do debate sobre gênero na escola para uma educação mais democrática e de respeito às diversidades. Que posteriormente podem auxiliar os professores na realização de uma educação democrática e com respeito à diversidade, que reforça um dos objetivos da escola, que é torná-la democrática a todos os alunos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem relevância acadêmica e trabalha com este conjunto de hipóteses:

Há dificuldades no processo de discussão de gênero e sexualidade; As ausências consolidam os marcadores do patriarcado no processo de educação de meninas e meninos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos de apresentação obrigatória estão em sintonia com o que determinam as resoluções n. 466/2012 e n. 510/2016 da CONEP.

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF:MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 5.836.564

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2034655.pdf	25/10/2022 12:14:54		Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinadaecorrigida.pdf	25/10/2022 12:14:28	Rarielle Rodrigues Lima	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Carta.pdf	25/10/2022 12:12:20 25/10/2022	Rarielle Rodrigues Lima Rarielle Rodrigues Lima	Aceito
Outros	projeto_pesquisa_pos_doc.docx	12:08:29	Rarielle Rodrigues Lima	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_pesquisa_pos_doc.pdf	25/10/2022 12:08:04	Rarielle Rodrigues Lima	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	25/10/2022 12:06:22	Rarielle Rodrigues Lima	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_novo_comite_de_etica_corrigido1.docx	14/10/2022 21:23:33		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_novo_comite_de_etica_corrigido1.docx	14/10/2022 21:23:22	Rarielle Rodrigues Lima	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO - UFMA



Continuação do Parecer: 5.836.564

SAO LUIS, 23 de Dezembro de 2022

Assinado por:
Emanuel Pércles Salvador
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF:MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

Página 08 de 08

Apêndice A: Questionário aplicado aos estudantes

QUESTIONÁRIO

Idade: **Gênero:** () **Feminino** () **Masculino**

Série/ano: **Turma:** **Turno:**

1. Você pratica algum esporte? Se sim, qual esporte? E com que frequência?
2. Qual é a sua opinião sobre a prática do futebol? Por que?
3. Você costuma jogar futebol? Onde e com quem você costuma praticar?
4. O que você acha sobre o futebol feminino? Por que?
5. Você acredita que meninas e meninos têm as mesmas oportunidades e incentivos para jogar futebol? Por que?
6. Nas aulas de Educação Física da escola, o futebol é praticado regularmente? Como essas aulas são organizadas e quais atividades são realizadas?
7. Na sua opinião, os meninos cooperam de forma igualitária com todos os colegas durante a prática do futebol? Por que você acha que isso acontece ou não?
8. Você percebe alguma diferença nas habilidades e no comportamento entre meninos e meninas no futebol? Por que?
9. Você já presenciou ou vivenciou alguma situação de preconceito ou desigualdade durante a prática de futebol na escola? Se sim, como você lidou com isso?
10. Como você se sente em relação à possibilidade de jogar futebol misto (meninos e meninas jogando juntos)? O que você acha que poderia ser positivo ou desafiador nessa dinâmica?

11. Como as aulas de futebol poderiam ser melhoradas para que todos os alunos se sentissem mais motivados e engajados a participar?

Apêndice B: Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO MARANHÃO – CEP/UFMA

Avenida dos Portugueses s/n, Campus Universitário do Bacanga, Prédio
do CEB Velho, PPPG, Bloco C Sala 07. E-mail para correspondência
cepufma@ufma.br

TELEFONE: 3272-8708

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

“A COEDUCAÇÃO E O ENSINO DO FUTEBOL/FUTSAL NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DO ENSINO FUNDAMENTAL NO
MUNICÍPIO DE PINHEIRO/MA”

Estamos realizando uma pesquisa que tem como título “A Coeducação e o ensino do futebol/futsal nas aulas de Educação Física em uma escola do ensino fundamental no município de Pinheiro/MA” e estamos lhe convidando para participar da pesquisa. O objetivo da pesquisa é analisar os processos de coeducação no ensino do futebol nas aulas de Educação Física do ensino fundamental de uma escola do município de Pinheiro/MA. A partir da necessidade de entendermos como se dá o planejamento e a metodologia de ensino do futebol/futsal nas aulas teóricas e/ou práticas. Através de uma análise, a pesquisa busca compreender como o ensino desse esporte nas aulas de Educação Física pode promover ou dificultar a coeducação, isto é, a educação conjunta e igualitária de meninos e meninas.

Gostaríamos de deixar claro que esta pesquisa é um trabalho independente de modo que não interferirá em suas atividades de vida diária e que a pesquisa será realizada com base somente nas respostas do questionário sem nenhuma intervenção que atrapalhe o desempenho da aula. A obtenção de dados será por meio do questionário semiestruturado, primeiramente com perguntas sobre os dados sociodemográficos dos participantes e em seguida questionamentos acerca da vivência no cotidiano das aulas de educação física. Caso alguma questão precise ser aprofundada, realizaremos uma entrevista com os participantes, que podem optar por conceder ou recusar a mesma.

A pesquisa apresenta menor risco, referindo-se apenas algumas respostas evidenciadas nos questionários ou entrevistas sobre alguns acontecimentos das aulas de Educação Física, que o participante pode sentir um desconforto/constrangimento quanto às respostas. O tempo estimado para responder o questionário é de aproximadamente trinta minutos, e o da entrevista é de uma hora.

Os benefícios da pesquisa proporcionam a oportunidade de reconhecer a importância do planejamento nas aulas de Educação Física por meio de uma análise aprofundada, já estudo visa compreender como as metodologias de ensino do futebol/futsal podem contribuir para a

promoção da coeducação ou não nas aulas de Educação Física. Os resultados obtidos poderão auxiliar os professores na implementação de práticas educacionais mais inclusivas, alinhadas a um dos principais objetivos da escola, que é garantir um ambiente democrático e acessível a todos os alunos.

Asseguramos que todas as informações prestadas pelo participante são sigilosas de forma a preservar a sua privacidade e integridade física e moral. Sempre que o participante desejar será fornecido esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo e provenientes de cada dúvida em relação ao questionário. A qualquer momento, o participante poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que para isto sofra qualquer penalidade ou prejuízo.

A divulgação das informações será apenas em prol da elaboração de uma monografia original, informações estas que em momento nenhum será possível identificá-lo resguardando seus dados ou qualquer outra informação que venha lhe identificar.

O participante receberá uma cópia idêntica deste documento assinada por ambas as partes.

O participante será indenizado (a) por qualquer despesa que venha a ter com sua participação nesse estudo e, também, por todos os danos que venha a sofrer pela mesma razão, sendo que, para essas despesas estão garantidos os recursos.

Pinheiro/MA, ____ / ____ / ____

Assinatura do (a) participante-voluntário da pesquisa

Laena Gomes Garcia
Aluna-Pesquisadora
CPF: 08853400358
Telefone :98985146972 (“inclusive ligações a cobrar”)
E-MAIL: laena.garcia@discente.ufma.br

Rarielle Rodrigues Lima
Orientadora
CPF:005198343-56
Telefone: 98981602821 (Inclusive ligações a cobrar)
E-mail: rarielle.rodrigues@ufma.br

Apêndice C: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE ASSENTIMENTO
(No caso do menor entre 12 a 18 anos)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO – CEP/UFMA
Avenida dos Portugueses s/n, Campus Universitário do Bacanga,
Prédio do CEB Velho, PPPG, Bloco C Sala 07. E-mail para
correspondência cepufma@ufma.br
TELEFONE: 3272-8708

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **“A COEDUCAÇÃO E O ENSINO DO FUTEBOL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE PINHEIRO/MA”**. Nesta pesquisa pretendemos “analisar os processos de coeducação no ensino do futebol/futsal nas aulas de Educação Física do ensino fundamental de uma escola do município de Pinheiro/MA”.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): **“A partir de um questionário que será aplicado em formato presencial, na escola, os alunos irão responder perguntas sobre a vivência nas aulas de Educação Física”**.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Esta pesquisa apresenta risco mínimo (ou risco maior que o mínimo, se for o caso), isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler e etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um

período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você, assinada por ambas as partes.

Pinheiro/MA, ____/____/____

Assinatura do (a) menor

O (A) seu(sua) cuidador(a) também irá assinar este Termo para confirmar que todas as informações foram passadas e confirmando que ele concorda.

Laena Gomes Garcia
Aluna-Pesquisadora
CPF: 08853400358
Telefone :98985146972 (“inclusive ligações a cobrar”)
E-MAIL: laena.garcia@discente.ufma.br

Rarielle Rodrigues Lima
Orientadora
CPF: 005198343-56
Telefone: 98981602821 (Inclusive ligações a cobrar)
E-mail: rarielle.rodrigues@ufma.br